REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES
PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE
RODRIGO M. F. DE ANDRADE
Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14. 1º

NESTE NUMERO:

Meditação no Jardim Zoologico — Carlos Magalhães de Azeredo
Historia Patria — Oswald de Andrade
Infancia — Carlos Drummond Andrade
Antonio José da Silva e a Inquisição-II — Lucio d'Azevedo
Correspondencia inédita de Remy de Gourmont
Baking - Powder intellectual — Gastão Cruls
Entre a Fé e a Duvida — Durval de Moraes
Inéditos de Junqueira Freire

Notas por M. B. Affonso Arinos (sobrinho), Augusto Schmidt e M. L. F.

ANNO I — NUMERO 7 — 15 — DEZEMBRO — 1926 — RIO DE JANEIRO

"A Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso	*$700*
Assignatura annual	*16$000*
Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite"	*12$000*

xxxxxxxxxxxxxxxx

Redacção e Administação:

Rua Rodrigo Silva N. 14 (1.º andar)

RIO DE JANEIRO

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

Capital		Frs. 100.000.000
Capital realizado	(Acções . . Frs. 100.000.000 (Obrigações Frs. 42.684.000	
Fundo de Reserva.		Frs. 17.000.000

Emprestimos sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo, ou por amortizações semestraes com direito a reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento

Dinheiro para construcções

Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno

Adeantamentos sobre titulos — Depositos em conta corrente e a prazo fixo

Séde social — Boulevard Haussmann, 39 — Paris

Succursal no Rio de Janeiro

44 — Avenida Rio Branco — 44

Agencia em São Paulo:

Rua Libero Badaró, 133

OPILAÇÃO-AMARELLÃO

Incrivel, mas...

é verdade: ainda 70 % dos Brasileiros são Opilados!
É pois um acto de patriotismo apprender e ensinar que n'um só dia, uma só dose de

NECATORINA-MERCK-

mata os vermes da opilação

A „*NECATORINA*" é o mais barato dos tratamentos contra o „**Amarellão**," pois é remedio que não se compra duas vezes; com uma só dose se alcança a cura completa, sem ser, em geral, necessario o purgante reclamado sempre por outros vermifugos. A „*NECATORINA*" não tem gosto nem cheiro vista ser em fórma de capsulas gelatinosas pequenas, molles, faceis de serem tomadas; o seu emprego não exige dietas longas, nem resguardo, nem cuidados especiaes.

A „*NECATORINA*" producto allemão é o especifico da Opilação adoptado pela „SAUDE PUBLICA": é o proprio *tetrachloreto de carbono purissimo* **MERCK**, de fama mundial.

Necatorina-MERCK

A' VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS!

DEPOSITARIOS = DAUDT, OLIVEIRA & CIA. RIO DE JANEIRO

Revista do Brasil

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1926 — NUMERO 7

SUMMARIO:

Politica.
Meditação no Jardim Zoologico — C. Magalhães Azeredo.
Historia Patria — Oswald de Andrade.
Infancia — Carlos Drummond de Andrade.
Antonio José da Silva e a Inquisição (II) — Lucio d'Azevedo.
Correspondencia inédita de Remy de Gourmont.
Baking-Powder intellectual — Gastão Cruls.
Entre a Fé e a Duvida — Durval de Moraes.
Inéditos de Junqueira Freire.
Theatro e Musica: Cronica da Quinzena — M. B.
Literatura — Affonso Arinos (Sobrinho) e Augusto Schmidt.
Vida Social: Carioquismos — M. L. F.

POLITICA

A nota do gabinete do Ministro da Fazenda relativa ás nomeações de ultima hora do governo passado, com postergação de direitos adquiridos por terceiros e dos interesses superiores do erário, contem uma doutrina accommodaticia e perigosa, que não deve ficar de pé. Diz esse documento que não é da alçada do actual governo examinar a legalidade dos actos do que o antecedeu, cabendo aos interessados que se julguem prejudicados promover os meios competentes, afim de restabelecer o seu direito. E accrescenta que ao governo apenas cumpre assegurar que os actos por elle proprio praticados, o sejam estrictamente dentro das normas legaes.

Tal orientação é erronea, como facilmente se póde demonstrar.

Uma vez que o governo se exhime de tomar em consideração a illegalidade dos actos impugnados, para o effeito de annullal-os, e antes se dispõe a executal-os, dando-lhes por esta fórma, plena validade, elle não sómente pecca por «omissão», mas tambem por «commissão», pois que collabora, afim de que se complete o acto illegal. E assim sendo, tal attitude não se coaduna com a declaração feita no documento a que nos reportamos, na qual o governo assegura que os actos delle emanados obedecerão rigorosamente ás normas e aos preceitos da lei.

× × ×

Dir-se-ia que a entrada para o Cattete de um homem tão vinculado ao problema rodoviario do Brasil, quando dali se removia o Snr. Arthur Bernardes, é uma expressão da providencial e mysteriosa acção das cousas que encadeiam os homens uns após outros, de modo a que os novos corrijam os males pelos outros postos em evidencia. A estrada de rodagem, como ainda ha pouco salientavam os especialistas reunidos no ultimo congresso realizado nos Estados Unidos para tratar desse assumpto, representa antes um papel social do que economico na vida das nações. O automovel, facilitando o contacto rapido da gente rural e das populações urbanas, corrige os vicios particularistas de uma e amplia as sympathias das outras, creando um equilibrio mental representativo do verdadeiro espirito de um povo...

Se esta necessidade se faz sentir na America do Norte, para harmonisar o conservantismo tradicionalista dos farmers do middle-west com a inteligencia instavel e vibrante dos habitantes dos sky-scrappers de Nova York, como infinitamente maior é a urgencia entre nós de estabelecer uma certa identidade de rythmo entre a gente sertaneja do planalto e os brasileiros do littoral, mais directamente influenciados pela cultura da Europa!

De tudo quanto se pode dizer do Snr. Bernardes e do seu Governo, nada se nos afigura mais interessante do que assignalar o enorme e patriotico serviço que elle inconscientemente prestou, servindo de impressionante e quasi alarmante lição de cousas sobre a profunda e assustadora dissonancia entre uma mentalidade que sobrevive com a cultura dos pioneiros do descobrimento e o espirito de um Brasil que abre avenidas, constróe fabricas e usinas e converte na letra morta das leis os institutos juridicos e as realisações sociologicas dos povos de mais apurado aperfeiçoamento. Todas as injustiças que porventura soffreu o ex-presidente e que com mais inexoravel ferocidade lhe cairão sobre os hombros, á medida que o tempo o fôr afastando da realeza quatriennal que S. Ex. exerceu, decorrem, a nosso ver, da incomprehensão de um caso pessoal e politico que deixou traçado na nossa historia talvez o mais fascinante capitulo da vida nacional. Os publicistas que estão convertendo as pennas em escalpellos para a inplacavel necropsia do presidente ainda insepulto, parece que deveriam pensar um pouco em abstrair dos elementos dramaticos do Shakespeareanismo tropical em que elle se moveu, para o estudarem como uma valiosa penetração de um tentaculo sertanejo, que as vicissitudes da nossa adolescente verdade eleitoral levaram até o Cattete.

× × ×

Estudar o Snr. Arthur Bernardes fazendo excavações historicas nos archivos da Senhoria Florentina, ou nas fichas da época mais prospera do Santo Officio hespanhol, é tão absurdo quanto procurar reconstruir a morphologia do tapyr ou da capivara, com as luzes fornecidas pela ossatura de um mastodonte. Nem mesmo na galeria dos heróes do Continente pode ficar bem accomodado o antecessor do Snr. Washington Luis. Na subtileza malvada de um Rosas, na brutalidade de um Facundo Queiroga, no primitivo genio politico de um Francia, na satanica energia combativa de um Solano Lopez, na tenebrosa paranoia fanatica de um Garcia Moreno, na engenhosa capacidade commercial de um Maximo Santos, de um Gusman Blanco e de um Porfirio Diaz, as influencias nativas da terra americana são vivamente irisadas pelos reflexos da moderna civilisação da Europa. O ex-presidente da Republica é uma majestosa figura isolada, personificando as colonias perdidas dos nossos compatriotas que ficaram insulados no sertão como reliquias das bandeiras. Na galeria dos presidentes elle representa a subita reacção da mentalidade dos que foram recalcados para o hinterland e cujo divorcio do Brasil praieiro se patenteia na inflexivel hostilidade do Snr. Arthur Bernardes a tudo que se identificou com a tradição do littoral. Transponha-se do recinto rude da sua egreja de barro tosco de Canudos a figura hieratica de um Antonio Conselheiro; submetta-se um desses caudilhos do sertão á disciplina morigeradora da pedagogia theologica do Caraça; e ter-se-á a repetição do ultimo quatrienio, sempre que o quizerem os manipuladores do trust politico nacional.

× × ×

Mas, nos tempos que correm, estas experiencias de archeologia psychologica no governo das nações não são desacompanhadas de perigos para povos detentores de um grande patrimonio de riqueza. Que o Snr. Washington Luis multiplique as suas estradas de rodagem, para que no dia em que algum futuro Lampeão do altiplano venha fazer pouso no casarão presidencial, possa fazer a viagem em automovel, trazendo já na alma algumas particulas do fermento corruptor da civilisacão, que talvez lhe dissolva um pouco os bons costumes, mais que poupará á geração vindoura os encantos contestaveis da hospedagem nos cubiculos da Correcção e das villegiaturas no Oyapock.

Um dos aspectos mais interessantes e mais importantes da campanha travada em torno da estabilisação e que, entretanto, parece estar passando despercebido, é a nitida differenciação dos interesses de grupos economicos e sociaes que já se vão definindo na collectividade brasileira. Por trás da ansiedade quasi angustiosa pelos riscos que possa correr o bem estar geral, com a certeza adquirida por cada um valor permanente do numerário de que dispuzer, destaca-se a preoccupação dos que representam os interesses do capital circulante e que, entre nós, começam, como já acontece em paizes de evolução economica mais adeantada, a antagonisarem-se ao ponto de vista do productor e do trabalhador.

Tanto para os que produzem e que são os que têm responsabilidade na lavoura e nas industrias extractivas e manufactureiras, como para os que em troca do salario concorrem para a formação da riqueza, pelo seu trabalho intellectual ou material, o millesimo apocalyptico do cambio a 27 não apresenta maior valor pratico do que o dos muitos desses paraìsos com que os confortavelmente installados na terra procuraram sempre desviar para os céos as attenções perturbadoras dos seus irmãos menos favorecidos.

Quaesquer que sejam os defeitos do projecto de estabilisação cambial em discussão no Congresso e sem perder de vista os possiveis dissabores e inconvenientes que a transição de uma reforma monetaria para todos naturalmente póde acarretar, a vantagem da normalisação do instrumento das trocas será certamente sentida, em pouco tempo, pelas classe productoras. Uma das maravilhas que parecem justificar a concepção providencialista da vida brasileira e que pelo menos attesta as aptidões economicas da nossa gente é termos conseguido crear e accumular uma somma consideravel de riqueza sem possivel moeda digna de tal nome. Porque o que sob tal denominação tem corrido entre nós como mil réis, de moeda tem tido apenas o cunho falso, que não correspondeu nunca a uma realidade.

× ×

Desse regimen de fluctuações do valor do numerario nacional, que é responsavel pelas nossas crises economicas, pelos nossos panicos commerciaes e pelo chronico mal estar das classes que, com a intelligencia e com o braço, convertem em riqueza os recursos potenciaes da terra brasileira, têm apenas aproveitado e desejam continuar a aproveitar-se os que não fiam nem tecem, mas gosam do previlegio feudal do tributo de juro sobre o capital das industrias e sobre o trabalho.

Sem negar a inestimavel utilidade economica dos que se especialisam em supprir aos productores o capital de que são depositarios e sem contestar mesmo que as proprias formas de especulação desempenham uma funcção estimulante das actividades economicas, seria absurdo desconhecer que, na hierarchia dos valores, os interesses dessa natureza devem ser subalternisado aos da producção e do trabalho. A mais violenta hostilidade ao projecto de estabilisação do cambio, parte dos que com mais ou menos clareza presentem que a normalisação do valor da moeda vae restringir-lhes as possibilidades do alto juro, nas horas de crise e de panico, ou lhes vão fechar a porta ás opulencias orientaes da porta de Ali-Baba do jogo cambial.

Os respeitaveis banqueiros e financistas de além-mar que vêm pregar no Brasil as doutrinas economicas que os chefes das suas matrizes ha muito tempo lançaram á cesta dos papeis sujos, obedecem ao instincto muito humano que os leva a antecipar a saudade dos bons tempos em que a differença de cambio lhes engorgitava os lucros, quando se iniciar a éra prosaica em que o brasileiro saberá quanto vale o seu dinheiro na moeda dos paizes onde tem de fazer compras.

MEDITAÇÃO DO JARDIM ZOOLOGICO

O Jardim zoológico é um dos meus refugios predilectos nestes annos de guerra. A guerra fica lá fóra, com os homens que a pensam e a fazem. Pois, se algumas creaturas humanas vejo acaso pelos caminhos e atalhos d'este Jardim, teem todas ares muito pacificos, e, de resto, não me interessam.

Interessam-me os meus outros irmãos, segundo a bondosa e justa linguagem franciscana. Alguns terão sido guerreiros, ou continuariam a sel-o em ambiente de liberdade e lucta pela existencia; mas aqui o suave captiveiro, o ocio fidalgo, e a nutrição copiosa, os affeiçoaram ao culto e ao gôsto da paz.

Talvez a alguns pareça vulgar e quasi nauseante esta complacencia em louvar um tal estado, quando milhões de homens affrontam a morte, e soffrem inauditos horrores, lá, nas trincheiras, nos montes, nos mares. Mas isso é obra d'elles mesmos, ou de certo numero d'elles. Por que não buscar um diversivo — o esquecimento momentaneo — na sociedade dos animaes, e das plantas innocentes? O «heroismo», aliás, como attitude permanente, acaba por fatigar, a espaços, mesmo quando se limita, como no meu caso, á vehemencia ideal e sentimental, desajudada de qualquer acção physica. E até, de modo singular e surprehendente arrefece, por momentos, quando se medita que, a final, de todas essas calamidades monstruosas são culpados, em maior ou menor gráo, quasi todos os dirigentes da colossal e labyrínthica engrenagem, baptizada de civilização»...

Basta de «civilização» — por favor! uma horinha de pura natureza — que calmante, que tónico bemdicto! Bemdicta a sociedade amiga dos carvalhos serenos e pujantes, dos abetos salubres, das roseiras de hálito balsámico, flammejantes de púrpuras ou virginalmente niveas, das humildes menthas sylvestres — e dos gigantescos elephantes contemplativos e meigos, das antilopes e gazellas de femininos olhos tropicaes, dos camelos e dromedarios de perfis semitas e porte ondulante, dos leões maravilhosos, concentrados no seu tédio soberano, dos simios gaiatos, e dos ursos grotescamente melancólicos!...

Certo, não é isto a natureza pura. A «civilização» interveio, escravizando estes seres, mas para tornal-os felizes. De alguns d'elles, sem a tutela das grades, eu não me fiaria, antes de um longo tirocinio de familiaridade recíproca; porém assim, a prudente distancia, são todos amigos; pelo menos, amigo lhes sou eu.

O meu recanto preferido é, entretanto, o pequeno lago. Se ha no mundo logar, onde se possa fugir á obsessão lancinante da guerra, é este, sem dúvida.

Doce tarde de incipiente primavera! luz branda, ar caricioso, dormentes fragrancias diffusas, diffusa paz!... Possivel que homens aos milhões se estejam trucidando, numa tarde tão bella?

O pequeno lago é um lago de idyllio, um lago de aquarella ou conto de Perrault. Não creio que nelle possa haver procellas, nem de mera scenographia. Os seus contornos são nitidamente traçados em moldura

de granito. O horizonte é qual convem aos seus íncolas: limitado e tranquillizador. E para a noite, para os dias de máo tempo, não faltam abrigos bem cobertos. A «civilisação» timbra em desvelos maternaes para com estes volateis.

De um tremor prateado o sol cadente achamalota as aguas verdes. Frescas verduras se diversificam em tôrno. Pinheiros quasi negros relembram, sem nostalgia, rigores de climas septentrionaes, lado a lado com palmeiras bronzeadas, oriundas da Africa ou da América, docilmente europeizada. Myrtos, de que se teciam grinaldas na Grecia homérica e anacreóntica, formam aqui sebes maciças, como baixos muros; e as corollas alvas, redolentes, vicejam sem que mão delicada as colha, desatam-se ignoradas na poeira do caminho, onde as patas dos palmípedes as revolvem; a mesma obscura sorte cabe aos cachos brancos, fofos, sensualmente aromaes, da acacia vizinha, quando cáem da altura que os protege. Como reflectindo essas vagas melancolias fraternas, e as suas proprias, curvam os salgueiros sôbre o lago as longas, pállidas comas elegíacas. Mas, ao longe, os choupos juvenis e esbeltos, nervosos e briosos, fazem vibrar ao sol e á brisa todas as suas folhas minúsculas e innumeras, celebrando as laudes da vida, que lhes é, toda, uma linda festa. E, junto de mim, uma ameioeira toda vestida de flores maravilhosamente carmineas pede para a sua belleza o último beijo da luz, ao céo, que já começa a desmaiar numa languidez perlacea.

No lago, nas margens relvosas, sôbre as pontes de madeira, flanam isolados ou em grupos os afortunados hóspedes da providencia municipal. Ressuma dos seus aspectos, das suas posturas, absoluta despreoccupação do proprio destino. São todos elles bem nutridos, de carnes nedias, e lustrosa plumagem. Não lhes cumpre cansar-se em longas marchas, nem esgaravatar o solo com bicos frenéticos, para cavar o cibato magro; que lautos pastos lhe são pontualmente servidos pelos guardas agaloados do Jardim. E embora constituam authéntica sociedade internacional, vinda de pontos distantes do globo, professam o mais evoluido cosmopolitismo pacifista. Ausente fica o principal estimulo da guerra, que é a fome; por que os animaes não fingem ter fome quando impam de fartos, como acontece, não raro, aos homens e aos estados.

Si isto não é uma orla do paraíso terrestre, que o anjo de Jehovah se esqueceu de trancar no dia em que baniu Adão e Eva, muito me engano. Considerada d'aqui, a guerra é uma fábula, uma invenção de jornalistas...

Patos, marrecos e gansos, concretizam nas suas figuras (algo estúpidas, confesso) uma expressão de pacifismo imperturbavel; e aqui os ha de diversíssimas especies. Microcéphalos, de olhinhos baços, de movimentos canhestros, alternando o balanço das cabecinhas idiotas entre a busca do alimento no chão, e o gesto dos surdos que percebem vagamente uma pergunta, causam a impressão de que só vivem para comer... Os gastrónomos ajuntarão que, ainda mais, para serem comidos, gordos e appetitosos como são, de veras. Porém estes, cabedal de collecção zoológica, estão exemptos do perigo de acabarem numa panella...

São os cysnes seus próximos parentes. E, todavia, taes as differenças na mesma familia (ornithólogica ou humana), aureola-os o prestígio da belleza, do ideal. Symbolizam a poesia; rivalizam, na fama, poetas alados, com os rouxinoes, com os condores. «O canto do cysne» é uma lenda; mas as lendas constituem o mais caro thesouro da arte. Não sei o que elles diriam d'isso tudo, se pudessem entender e fallar; mas, sem dúvida, pela nobreza das fórmas, pela majestade serena dos movimentos, são dignos das imagens que suggerem. Vel-os, neste declinio de tarde primaveril, nimbados de luz evanescente e lactea, vogar plácidamente nas plácidas aguas, é uma das sensações mais deliciosas, e mais sedativas, que se possam conceber. Representam a felicidade na eurythmia, a graça perfeita inaccessivel á ira, á inquietude, a todo impulso de paixão. E a minha alma, de tantas mil agitações agitada, sente-se venturosa em

ir com os meus olhos seguindo docilmente o rythmo das suas brancuras immaculadas sôbre o verde espelho do lago. Elles vão aos pares, machos e femeas, *dall'amor portati,* como as pombas de Dante; amor não só conjugal, mas paterno e materno tambem, pois acompanham cada casal cinco ou seis filhotes pequeninos, futuros poetas lyricos. Ha, ainda, um par de cysnes pretos, que devem ser, presumo, poetas elegíacos, ultra-românticos; mas são bellos egualmente, e teem a nota do raro, que dá valor especial aos diamantes negros...

E não são bellos, não são elegantissimos, aquelles flammingos, semelhando rosas semoventes, que tivessem cada qual duas hastes em vez de uma só? Quando abrem e batem as asas purpurinas, o ar parece inflammar-se de repente; mas elles não percebem o incendio que provocam; são como as moças coquetas, ou as mulheres fataes, que ateiam paixões devoradoras permanecendo numa temperatura polar. Vão caminhando a passos medidos, estudados, e curvam de quando em quando para a terra os esguios pescoços desdenhosos. Dir-se-hia um gesto de mera galanteria; mas na realidade o é de «cavação». D'esses flammingos aristocráticos se cuidaria que vivem do ar; comem tanto como os irmãos e os primos. E até neste detalhe se parecem ás donzellas e damas que lembrei; creaturas ethereas, immateriaes!... para os adoradores ingenuos. Cumpre frequental-as intimamente, para constatar de que sólidas e succulentas materialidades se nutrem essas nobres siluetas de névoa colorida; com que sôfregos appetites, com que exigencias e extravagancias mórbidas fazem ellas pensar na *femme, enfant malade, et douze fois impure,* do desabusado Vigny...

Salve-me d'estas reflexões espurias, que momentaneamente se insinuaram no meu estado de alma todo bucólico e optimista, a meditante dignidade das sympáthicas e benéficas cegonhas. (Reflexões espurias, digo, por que contrariam a vontade «programmtica» de admirativo e enternecido reconhecimento, com que entrei aqui). «Quero» extasiar-me na companhia pacífica e pacificante d'essas amaveis cegonhas, dos faisões dourados e prateados, modestos na sua fascinadora belleza, do pavão rutilante de gemmas como um maharadjah hindú, e vaidoso, talvez, mas tão justificadamente, e, de resto, tão inoffensivamente vaidoso, e tão familiar, que vem bicar nas palmas das minhas mãos os amendoins que lhe offereço, em quanto outro pavão, todo de neve esse, ostenta aos ultimos raios do sol a plumagem immaculada, no tope de uma cabana. E tu, augusto ibis egypcio, chega-te a mim, conta-me as doutrinas dos sacerdotes lettrados da tua pátria, e os amores gloriosos dos Pharaós...

Uma ronda festiva de andorinhas resvala pelas copas das árvores com tão impetuosa rapidez, que os seus corpinhos em fila, muito unidos, parecem formar uma extensa fita convexa. Logo invadem ellas o céo, num alarido de júbilo delirante. Pombas aos pares, alvas, cinzentas, acastanhadas, violaceas, se transportam, em vôo mais baixo e lento, de um ramo para outro, ou pousam quietas, já com um quebranto de somnolencia, á beira dos pombaes. De cada maciço de folhagem, se expande um côro de gorgeios, ricos de melodias, e tão denso, quasi entontecedor; é a «oração da tarde», que os passarinhos de innúmeras especies, meninos bem educados e correctos, modulam devotamente antes de... recolherem a dormir...

Lá, longe, umas resteas de sol cadente se enrolam nas pennas frisadas das avestruzes, se cruzam com as listras brancas e pretas das esbeltas, bem torneadas zebras...

Oh! paz de tudo! profunda e immensa paz!... tanta paz, que, contemplando esses seres todos, as suas fórmas, os seus movimentos na paisagem, me occorreu a extranha impressão de ser tudo um mecanismo... um mirírico e portentoso mecanismo, simelhante áquelles brinquedos de luxo, nos quaes, de modo quase idéntico, muitas e variadas figuras executam determinados gestos obedecendo a certas mollas escondidas.

E então me assaltou, de súbito, a interrogação ansiosa, terrivel, que tantas vezes, deante dos mais diversos phenómenos da na-

tureza physica e da natureza moral, me tem empolgado irresistivelmente o espirito: — Que significa tudo isto? que significa este idyllio de paz, este sorriso angélico das cousas, no momento mesmo em que milhões e milhões de homens se estão entrematando com atrocidade infernal? quaes as finalidades — não as finalidades convencionaes, mais ou menos rhetóricas — mas as verdadeiras, as intrinsecas, d'estas e das outras innúmeras manifestações da vida?

Além, além, nas trincheiras, nas fortalezas, nas cidades, no mar, e no ar, milhões e milhões de homens se estão entrematando com atrocidade infernal... Ah! tu te rasgas, neste instante, a meus olhos, véo de Maya, irisado, cambiante, sumptuoso véo de Maya! Ah! não é só nas zonas de guerra que se faz a guerra; não é só lá que se commettem crueldades horrendas. Aqui, aqui mesmo, sob as apparencias de aristocrática serenidade, com que me brindam estes volateis subtrahidos por um artificio gentil ás agruras e ás baixezas da lucta pela existencia, aqui mesmo, quantos occultos dramas de sangue, de violencia, de trahição, se vão tramando e desenlaçando entre os seres infinitamente pequenos, que escapam á classificação e á providencia scientificas do Jardim zoológico?

Basta considerar nos costumes dos insectos. O grande Fabre, com rigoroso méthodo de sabio, com intuição e vibrante estylo de poeta, nos revelou os entranhados instinctos de hypocrisia, ferocidade, e rapina, que se escondem muitas vezes em corpinhos quasi invisiveis, mas superiormente organizados. Mostrou a «mantha religiosa», chamada entre nós «louva a Deus», mostrou essa falsa beata, embiocada e de mãos postas como quem reza, a erguer-se de chofre agressiva, formidavel, figura, a um tempo, de bandido e fantasma, paralysando pelo terror a víctima cubiçada pela sua fome, que não perdôa; mostrou-a devorando macabramente o espôso após ou ainda durante a união sexual; e descreveu a precisão anatómica, digna de um professor da faculdade, com que o sphex crava o seu aguilhão nos centros nervosos do pobre grillo ou da ephippígera. Maeterlinck relevou, com a mágica penna que traçara «Peleas e Melisande», as tragédias em que se baseia a aurea actividade das abelhas, taes como o «vôo nupcial» e a «matança dos machos». E o eminente naturalista suisso Augusto Forel, autor de uma obra monumental sôbre as formigas (de cuja laboriosa «honestidade» já Fabre destruira a lenda, forjada por La Fontaine em prejuizo da innocente cigarra) refere, entre outros casos edificantes, o de um grupo d'essas senhoras devorando numa só noite o corpo enorme de um leopardo; ao amanhecer, apenas o esqueleto restava da fera grande, pasto das pequenas feras...

E no fundo do mar? Lembram-me visitas minhas ao aquario de Nápoles, que é o mais completo do mundo. Lá, nas bacias transparentes que resumem a existencia dos íncolas das mysteriosas regiões oceánicas, eu escutava longamente os peixes, de diversíssimas familias, que nadavam, subindo e descendo sem pausa, na massa líquida, diáphana, compenetrada pela doce luz diffusa, vinda das amplas claraboias. Mais mecánicos ainda que os d'estes volateis, antes absolutamente machinaes, me pareciam nos seus movimentos o *labrax lupus*, a *corvina nigra*, o *balistes capriscus*, a *trigla corax*, o *seranus gigas*, e os seus varios companheiros de artificial convivencia. Embora muitos houvesse admiraveis pela elegancia das linhas, e pelo rutilante ou mimosíssimo colorido das escamas, quasi todos me davam a impressão de uma completa estupidez, de uma passividade obtusa e fatalista... por que a tal estado os reduzira a situação privilegiada de pensionistas do aquario. E para distrahir-me d'aquella oppressiva monotonia, admirava, enlevado, os arbustos de coral rubro, roseo, ou branco, tão graciosos no seu feitio nativo, como, depois, transformados em collares, pulseiras, e brincos, para ornato de lindas mulheres; espannejava a vista nos minúsculos hortos, onde, com matizes de uma delicadeza encantadora, cresciam os *spirographes Spallanzani* como microscópicas palmeiras, as *hydroides uncinatae*, como maciços do

buxo, as *antipathes larices,* as *antenullariae antenninae,* as *aglaopheniae myriophyllium,* como subtilíssimas hastes de avenca ou samambaia, e as *tubulariae larynae,* como plantas florescentes de margaridas e dhalias. Esses pseudo-vegetaes, animaes na realidade, ao passo que interessavam a nossa curiosidade pelo caprichoso garbo da sua estructura, provavam simultaneamente como a natureza desnorteia não raro pela originalidade dos seus criterios plásticos as nossas ideas preconcebidas.

Depois, era a leveza imponderavel, era a inverosimil graça dos siphonóphoros e dos cnetóphoros; a *velella spirans,* vogando e irisando-se como uma pedra lunar ou uma opala, a *physophora hydrostatica,* vibrando docemente, suspensa nas aguas, como chocalho de guisos microscópicos cosidos a finissimos fios de seda, a *callianira bialata,* dupla *aigrette* maravilhosa, que a mais de uma gentil dona agradaria fixar nos proprios cabellos, e o *cestus Veneris,* a «cintura de Aphrodite», longa fita talhada, bordada, e debruada com esmero, já azulina, já verde, ora rosea, ora violeta, digna, pela sua luxuosa elegancia, de premer os flancos alabastrinos da deusa nascida entre as espumas do Egeu... si, muito provavelmente, o seu contacto cáustico não affligisse com pruridos e empôlas a delicadissima cutis da mãe de Eros...

Pois a nenhum d'esses organismos, grandes ou pequenos, nem ás asterias, aos molluscos, nem aos crustaceos, faltam instrumentos de defesa e de agressão, sejam agudas lancetas, sejam ganchos recurvos, ou ferreas tenazes, ou liquidos corrosivos e asphyxiantes. Si aquellas bacias do aquario offerecem aos espectadores a mesma harmonia idyllica d'este lago, é por que, como os d'aqui, vivem fartos os moradores d'ellas, e por que a prudencia dos que dirigem a interessante collecção distribue as especies inimigas por separados recintos. Mas se d'elles ficam excluidos os dramas que se passam — tanto mais tremendos por que silenciosos — no fundo do oceano, basta uma sardinha apresentada na ponta de um barbante á voracidade do polvo, para que esse monstro dê de si proprio a mais atroz e repugnante exhibição, fazendo imaginar o terror de uma equipagem proditoriamente agredida por um d'aquelles exemplares gigantescos, fantásticos, cujos tentáculos munidos de potentes ventosas, medem dez metros e mais. Parente próxima d'esse bandido, a sepia toma a côr da areia e das rochas sôbre que se extende, para passar despercebida a eventuaes perseguidores; perseguida ou perseguidora ella mesma, com um jacto de tinta, que guarda numa vesicula, turva ella as aguas, tornando-se invisivel, e apavorando o inimigo mais forte, ou a víctima designada. Uma paixão predominante a reduz, porém, a inerme presa para os que intentem captal-a. Essa especie é tão libidinosa, que os pescadores do golfo parthenopeu, habeis em distinguir os sexos, costumam atar por um cordel á pôpa do barco uma femea; dezenas de machos se lhe precipitam logo no encalço, e, como succede não raro aos homens, encontram a ruina e a morte onde já prelibavam as delicias do amor...

Assim, lá como aqui, aqui como lá, o temeroso problema das finalidades a empolgar-me o espirito...

Finalidades? Aqui está uma, não sei de que alcance; mas, certamente, não perderei o meu tempo observando-a. Dois novos hóspedes d'este Jardim zoológico entram em scena na margem relvosa do lago, como se mysterioso contraregra abrisse um bastidor á direita, outro á esquerda, e introduzisse no palco os dois actores, consoante a respectiva didascalia.

Um d'elles é um velho marabú — os marabús todos nascem velhos, de maneira e gostos — que, com a cabeça calva, ponteaguda, tristonha, entalada entre os hombros magros, o bico rombudo quasi espetado no peito, o andamento cauto, vagaroso, o porte compassado, grave, gravíssimo, parece um professor de mathemáticas ou de metaphysica, mettido o torso ético num fraque preto desmodado, enfiadas as compridas pernas num par de calças brancas das que se usavam ha trinta annos. O ingresso lento e solenne d'este professor pro-

duz uma pausa de extranho constrangimento entre os volateis despreoccupados, e espalha pelo ar límpido uma bafienta e rançosa melancolia universitaria...

Eis que, na outra banda da margem, alfombrada de lustrosa grama, surge, em súbito, impressionante contraste, a mais esbelta, a mais travêssa, a mais picante, a mais coqueta, a mais deliciosa dansarina, que ainda pisou taboleiro de relva á guisa de tablado de café concêrto. É uma grou japoneza, uma artista de talento, que se impõe ás plateas mais difficeis, uma rapariga namoradeira e seductora, uma diabinha capaz, acredita ella, e presumo eu, de embriagar num delirio, não sómente cabecinhas esturdias de gallos e periquitos, mas a cabeça veneranda do mais sisudo, austero, e ascético marabú d'este mundo.

Impossivel imaginar, quanto mais descrever, as fórmas venustas, a *toilette* chic, os movimentos colubrinos, os gestos provocantes e lascivos, a envolvente e captivante magia, os ardis e recursos todos d'esta prodigiosa dansarina. Não dansarina de typo clássico, toda mesuras e piruetas. Dansarina internacional, cosmopolita, apta para alternar, com desenvoltura e velocidade extraordinarias, a tarantella napolitana e a czarda húngara, o cancan parisiense e a russkaia moscovita, o miudinho brasileiro e o tango argentino, a fota aragonesa e a zamacueca do Chile, a rince-fada irlandeza e as voluptuosas ondulações das alméas saracenas. Talvez a minha fantasia de poeta tenha collaborado neste catálogo; mas, fóra de todo exagero, a grou japonesa dansava variadas e pittorescas dansas...

Todos os volateis reunidos em volta constituiam um «publico», não sei se muito sympáthico, mas, sem dúvida, attentíssimo áquellas evoluções maravilhosas das asas que agitavam o ar, e reflectiam os cambiantes da luz attrahindo por fôrça todos os olhares. Mas a brilhantíssima artista era indifferente ás homenagens dos patos, dos marrecos, dos gansos, dos cysnes, dos faisões, dos pavões, e do ibis. Ella dansava, ella punha em obra todos os seus meios de seducção, únicamente para interessar, para conquistar, para enlouquecer o velho marabú.

Perversidade cocottesca? aberração hystérica? simples capricho de *enfant gâtée?* Mas o velho marabú estava á prova do fogo. Amara, por ventura, sem esperança, ou víctima de atroz desengano, na sua já remota e sempre dubia mocidade? e concebera, por isso, medo ás mulheres, perigosas todas, e decepcionantes, a seu ver, em todas as especies zoológicas? ou o culto da sciencia, o hábito de absorver-se na meditação diurna e nocturna das verdades eternas, o tinham tornado insensivel aos appellos da paixão, e aos alliciamentos da belleza? O certo é que elle se portou deante da alada Thaïs, como um eremita da Thebaida em presença da formosa nudez de uma cortesã real, ou do entrelaçamento orgíaco de venustos corpos femininos, forjado pelo maligno nos portentos da hallucinação... A grou japonesa dansou, dansou, dansou, estreitando mais e mais em redor d'elle os circulos tentadores das suas dansas; dansou, dansou, dansou, até cahir exhausta. O velho marabú nem uma só vez ergueu para ella a cabeça calva, ponteaguda, tristonha, entalada entre os hombros magros...

E eu, espectador frivolíssimo, votei convencido pela alegre Loucura contra a tediosa e intratavel Sabedoria!

Já, rápido, descia o crepúsculo sôbre o lago e o arvoredo circumstante. Approximava-se a noite. Como os outros hóspedes d'aquelle Eden de paz, a grou japonesa e o velho marabú cediam aos convites do somno. Olhei em roda, e não os vi mais. Eliminada ficava assim a finalidade especiosa e ephémera, que elles encarnavam... Não muito diversamente do que succede, quando um grande homem, um pujante organismo politico, um systema colossal de ideas e sentimentos abandonam o scenario do mundo. Não passa o mais leve frémito pela epiderme da natureza, e muito menos se altera qualquer detalhe da ordem cósmica; nem uma nuvem muda de rumo no céo...

Agonisante a luz já agora, vinham os flúidos crepes mysteriosos da noite envol-

vendo os bosques, as sebes, e até os mais pequenos arbustos do parque. A sociedade dos volateis se dispersara. Sumira-se a scenographia, ou tomara differente aspecto, como palco abandonado após o espectáculo.

Encaminhando-me para a sahida da histórica villa, eu ouvia na treva crescente os berros, guinchos, ganidos, uivos, lamentos de muitos dos animaes prisioneiros. Laceravam o ar com dolente obstinação os gritos estridentes das aguias e dos gypaetos. Os grandes felinos, nas suas jaulas de ferro, impregnadas de acres emanações, longamente e pujantemente rugiam, e não se discernia bem si do furor nativo, ou da desalentada nostalgia, jorravam aquelles bramidos dos seus peitos selvagens. Ululavam lobos em roucos clamores, hyenas e chacaes em agudos soluços.

D'esse coro dissonante, exótico — vário nas suas gammas, porém um no sentimento fundamental que ia exhalando — um pêso indizivel, intoleravel, de piedade e tristeza vinha condensar-se-me no coração.

Ah! era a noite que abria áquelles pobres, míseros seres, como a nós, peregrinos «neste valle de lágrimas», as portas fascinantes, e os illimitados reinos maravilhosos do sonho... Na claridade e entre as distracções cambiantes do dia, pareciam elles, suppunham-se acaso, contentes da propria sorte. Agora, a phenomenologia visivel e versatil se furtava a seus olhos, immergindo na treva. E a imaginação, que nelles vive e age como em nós, reivindica os seus direitos.

Elles reevocavam, sem dúvida, nas suggestivas miragens do lusco-fusco, segundo as várias especies, os candentes areaes e as junglas impenetraveis da África, as geleiras do polo offuscantes de alvura na fosca atmosphera cinzenta, os vastos rios e as cachoeiras symphoniaes, as ciladas, as caças, as pelejas aventurosas... toda aquella existencia primitiva, que não tinha a segurança passiva e a tranquillidade monótona da do Jardim zoológico, que era tessida de incertezas, de luctas, de perigos, mas lhes garantia os dous thesouros supremos da pátria e da liberdade!

Assim, nelles como em nós, em nós como nelles, o labor mecánico dos orgams, o estímulo da fome, e o não menos imperioso instincto da reproducção, assegurando contentamento profundo, mas precario, quando satisfeitos, desencadeando rivalidades, odios, rixas, tragedias, quando contrariados nas suas tendencias. E, colorindo, adornando essas ferreas necessidades fundamentaes, alliciando a fantasia, exaltando o sentimento, engendrando o ideal, a poesia, a illusão — eis que surgem, eis que em innúmeras tramas se combinam, os sonhos — rudimentares em animaes ainda inferiores, mais complexos e vibrantes á medida que se vai subindo na escala zoológica, variados, fecundos, prodigiosos em nós, e capazes de crear as obras de arte, as vastas architecturas philosóphicas, as deslumbrantes utopias sociaes.

Ha nesses sonhos, por vezes, um encantamento de redempção e de felicidade... porém elles raramente resistem á pressão d'aquellas necessidades brutaes; antes, então, d'ellas se fazem agentes zelosos, com o seu poder de engrandecimento intensificando-lhes o fervor, e augmentando-lhes as projecções. De modo que muitos negros delictos, muitos requintes de perfidia e ferocidade, que deshonram a natureza a nossos olhos, são frutos longamente cultivados e amadurecidos na mágica selva dos sonhos...

Poderia alguem, collocado num ponto central do universo, vendo e ouvindo tudo o que no descommunal theatro acontece, dizer que as maravilhas do cosmos compensam os revoltantes e monstruosos horrores, que são a base essencialissima da vida mesma? Tivesse, embora, a alma de um Nero, ou de um tyrannete da Renascença, creio que não supportaria por cinco minutos o formidavel espectáculo...

Oh! meu querido São Francisco de Assis! tu sabes si eu ternamente te prezo e venero, e com que emoção fraterna leio releio o teu sublime «Cántico das creaturas»... Mas algumas vezes, de súbito, me tem occorrido a cruel idea de que um poeta sacrílego, nihilista, poderia forjar impressionante parodia d'esse divino poema. Po-

deria dizer muitas cousas amargas sôbre essa irmã agua, «humilde e util, preciosa e casta», que, como tu, meu doce amigo, nos meus versos eu tenho celebrado; e sôbre esse irmão fogo, «jocundo, robustissimo e forte», que me alegra as pupillas, que generoso me aquece nas veias o sangue, pelas aspérrimas noitadas invernaes... Poderia mostrar o fogo nos incendios devorando casas, matando gente, nos vulcões destruindo o trabalho humano em regiões inteiras, carbonizando milhares de víctimas... a agua nas inundações submergindo campos e aldeias, no oceano engulindo navios e viajantes, nos pántanos gerando miasmas traiçoeiros e mortiferos... Poderia ajuntar muitas glosas ainda, e concluir, com Heine, ou com Varella:

«Oh! mundo encantador, tu és medonho!»

Tu, nobre optimista, paladino da caridade universal, no crisol da renúncia e do amor queimaste as impurezas todas da realidade; tu, por um milagre de idealismo, chegaste á ignorancia ou á negação do mal, á affirmação exclusiva e triumphante do bem. Mas quantas ha, na terra, almas capazes de uma tal elevação, de uma tal abstracção no êxtase que transfigura tudo?

Muitos, em verdade, proferem o elogio incondicional da existencia, sempre que os seus pequenos negocios lhes correm a contento. Alguns, porém, repetem apenas uma lição decorada; e em outros o optimismo é simplesmente incapacidade de pensar, ou insensibilidade egoística, ou crueldade inconsciente. Aquelles que, ao contrário, escrutam o fundo das cousas, confrontando os detalhes e o conjuncto, estremecem de pavor deante da absoluta indifferença com que a natureza creia, protege, apparelha para a plenitude da acção o bello e o horrivel, o organismo fadado (segundo os nossos criterios) a providencial tarefa, e o destinado a sós empresas criminosas. Espléndida é a veste sérica e perfumada do lírio; são deslumbrantes a púrpura da maçã, o ouro da laranja, e o do trigo. Mas não menos delicados, e artisticamente brunidos, os dentes da cascavel, e as patas de velludo fulvo em que o tigre esconde as agudas garras.

Segundo os nossos criterios... Mas com que outros criterios havemos de julgar o mundo e as suas leis? que obrigação nos cabe, ou, ainda, que possibilidade nos resta, de assimilar uma philosophia alheia á nossa relatividade no universo? Reconhecemos que elle é o que é, e não o que nós quiséramos que fosse; mera constatação, que não chega a ser philosophia. Reconhecemos a somma colossal de fôrças que elle revela, e de que não somos autores, nem, de qualquer maneira, responsaveis. Mas, como aquilatar a bondade da vida, si não com os elementos, os conceitos da nossa propria bondade? ou como, por outro lado, desarraigar do nosso espirito o problema do bem e do mal, que o atormenta — demasiado insistente para ser pura abusão — desde os infimos estadios da selvageria aos ápices da cultura intellectual mais requintada?

Esse problema aterrador, e eternamente insoluvel pelos meios humanos, eu, pelo menos, não sei afastal-o, sorrindo, do meu caminho... tanto mais que, se elle é temeroso na natureza physica, cresce em potencia, illimitadamente, a sua pressão, na natureza moral, na histórica... Neste momento trágico entre todos para a humanidade, eu me pergunto: os portentos da sciencia, da indústria, da arte, os laureis do que nós chamamos «civilização», em summa, os progressos rápidos, vertiginosos, das conqustas materiaes, em contraste com os progressos lentos, quasi imperceptiveis (si é que os ha), das conquistas moraes, compensam, por ventura, além de outras mil perversidades e infamias, de cada dia, de cada momento, os horrores d'esta guerra, e as suas consequencias futuras? Não — responde a consciencia, com inabalavel firmeza.

E então? a suprema belleza do universo? o rythmo frenético das catástrophes relevando a monótona regularidade da luz e das trevas, das phases lunares, das quatro estações?...

Felizes aquelles — e na immensa legião se contam altíssimos intellectos — felizes aquelles que encontraram a paz, imperturbavel para sempre, na synthese fornecida pela fé. Com blocos graniticos, e a mais sólida argamassa, elles construiram, baluarte, templo, lar, o proprio mundo «noumênico». Ahi, de accôrdo com as categorias de uma doutrina gloriosa por muitos séculos de dominio, as innúmeras possibilidades estão todas previstas e explicadas; os conceitos, os factos, que as contrariem, são, necessariamente, falsos, ou mal entendidos.

Outros trancaram os áditos dos seus cérebros á obsessão das finalidades, e decretaram o destronamento da metaphysica. «A vida é fim de si mesma — dizem — e esta solução nos basta».

Por mim, não creio que lhes baste sempre. Não se bane do espirito com fórmulas de arbitrario pragmatismo a ansiosa curiosidade nelle profundamente impressa por um atavismo de millennios...

Si em mim a fé não é sempre tão robusta e integra como nos primeiros, mais longe ainda me sinto d'estes últimos. A indifferença pelas nossas origens, pelo nosso destino, me parece o mais antiphilosóphico e absurdo dos programmas.

Quando, deixado o Jardim zoológico, me achei na estrada larga, orlada e coberta por frondosos plátanos, e carvalhos antiquíssimos, já a noite descera de todo. Nem uma folha ciciava no ar immovel; mas, ao passar pelos cantos onde a escuridão era mais negra, eu ia ouvindo os murmurios frementes e cálidos dos pares de amantes, que pousavam ou caminhavam, estreitamente abraçados. Não eram elles, por certo, que se preoccupavam com as finalidades recónditas da vida, elles, delirantemente possuidos pela finalidade suprema do amor, e obedientes sem o perceberem á suprema lei da existencia, que quer a propria perpetuação intérmina, que a impõe a todos os seres pelo magnetismo irresistivel da paixão e da volupia.

Em um ponto da estrada, havia uma aberta entre as copas das árvores; e através d'ella eu vi o firmamento coalhado de estrellas. Resoaram-se na memoria as palavras solennes de Pascal: *Le silence des espaces étoilés m'effraie.* Sim; lá em cima, tudo era siléncio; mysterioso, insondavel, eterno siléncio, respondendo, elle só, nessa noite e sempre, aos olhares, ás interrogações, ás preces, que os homens dirigem, com instinctivo gesto millennario, para o céo...

Abandonado do céo nessa hora, abandonado da pia reverencia hereditaria, que me governa os mais íntimos pensamentos e impulsos, a aridez da minha alma se traduziu na ironia. Sob a influência das scenas a que assistira pouco antes, perguntei-me sorrindo: Não serão as estrêllas outras tantas grous japonezas, dansando sem treguas em tôrno de um velho marabú imperturbavel e invisivel? pittoresca versão da famosa harmonia das espheras!... Ou lá tambem, nellas e por entre ellas, estrugem perpetuos, trágicos lamentos, similhantes aos das feras prisioneiras — e nós é que os não ouvimos?...

Assim eu me desabafava, quasi bláspheno. Mas a minha consciencia não estava tranquilla, e o meu coração soffria...

(De Cor cruciatum).

Roma. Primavera de 1918.

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.

HISTORIA PATRIA

La vae uma barquinha carregada de
Aventureiros

Lá vae uma barquinha carregada de
Bachareis

Lá vae uma barquinha carregada de
Cruzes de Christo

La vae uma barquinha carregada de
Donatarios

La vae uma barquinha carregada de
Espanhoes...

Paga prenda
Prenda os espanhóes!

La vae uma barquinha carregada de
Flibusteiros

La vae uma barquinha carregada de
Governadores

La vae uma barquinha carregada de
Hollandeses

La vem uma barquinha cheinha
de indios

Outra de degradados
Outra de pau de tinta

Até que o mar inteiro
Se coalhou de transatlanticos
E as barquinhas ficaram
Jogando prendas coa raça misturada
No littoral azul do meu Brasil

OSWALD ANDRADE.

INFANCIA

Meu pae montava a cavalo, ia pro campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sózinho menino entre mangueiras
lia a historia do Robinson Crusoé,
comprida historia que não acaba mais.

No meio dia branco de luz uma voz que aprendeu
a uivar nos longes da senzala
e nunca se esqueceu
chamava pro café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café-bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando pra mim
— Pssiu... não acorda o menino...
pro berço onde pousou um mosquito.
Dava um suspiro... que fundo!

Lá longe, meu pae campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha historia
era mais bonita que a do Robinson Crusoé.

CARLOS DRUMMOND ANDRADE.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA E A INQUISIÇÃO

II

Devia ser João Mendes da Silva sujeito abastado, na sua classe, e as relações de amizade e parentesco com gente de negocio e senhores de engenho certamente lhe trariam produtiva clientela ao escritorio de advogado. Tratava-se á lei dos ricaços da terra, com escravatura numerosa. Em casa doze negros e negrinhos, crioulos e mulatos, de um e outro sexo, faziam o serviço e constituiam uma riqueza ambulante. Perto da cidade, e anexo ao engenho de um cunhado, possuia uma plantação de cana, em que mais oito escravos trabalhavam. A livraria, não insignificante para vivenda colonal, compunha-se de 250 volumes, 150 e tantos de Direito, e o resto de historias e curiosidades, segundo êle classificava.

O processo é documento elucidativo do modo como no Santo Oficio procediam os acusados. Contra João Mendes depuseram, a mais de Catarina Brandão, dezenove socios na desgraça, presos da sua mesma turma ou das antecedentes; contra Lourenço Coutinho, Catarina Brandão como sempre, e mais vinte e nove. Os dois por seu turno ripostaram, o marido accusando a 124 pessoas, a mulher a 36. Cada um dêles informou sobre o outro, e ambos nomearam a irmãos, cunhados, primos e amigos. Ela se disse iniciada pelo pai defunto; êle apontou como instrumento de sua apostasia, quando era estudante, um primo, igualmente falecido; e não se descuidou de mencionar entre os da sua fé: a sogra, Brites Cardoso, viuva, que a filha tambem não poupou.

Mas não só este casal deu provas de sua pusilamidade pronunciando acusações sem fim. De processo a processo ricochetavam as cumplicidades e outras novas irrompiam. Em abundancia tal que em certo momento os juizes, posto que sempre ávidos de mais inculpações, sentiram duvidas, e mandaram inquerir no Rio, pelo Commissario do Santo Officio, se as testemunhas eram pessoas em cuja veracidade podia crêr-se.

Deu-se isto com Manoel do Valle da Silveira, e outros presos da turma anterior á de João Mendes, penitenciados no auto de 1713. Nenhum porém tanto prodigalizou as delações como o pae de Antonio José. Bem se concebe que recordar 124 nomes de amigos e conhecidos, em occasião perigosa, não é facil esforço de memoria; tanto mais que a isso accrescentava, com maior ou menor precisão, as circumstancias de tempo e lugar. Afortunadamente para muitos dos incriminados não lhes sobrevieram mais accusações, pelo que não tiveram de experimentar a sorte mofina do seu denunciante. Este, que na primeira parte do processo, fiado na qualidade de christão velho, que alegava, offereceu resitencia, conservando-se negativo, adeante, quando veiu o promotor com o libello, sentiu-se perdido. Ahi fraquejou; acceitou a costella judaica, de que os Inquisidores não duvidavam, confessou de si, e em duas sessões de perguntas implicou o numero consideravel de pessoas que vimos.

A tibieza dos accusados, que os incapacitava de resistirem ás insinuações para que nomeassem cumplices; a docilidade com que convinham nas culpas, tornaram desta vez lesta a justiça da Inquisição, de ordinario, tropega, e permittiram aos julgadores, em só oito mezes, adeantar os feitos, interrogar, admoestar, atormentar e conduzir ao auto da fé uma leva, excepcionalmente numerosa, de presos do Brasil.

Aos 9 de Julho de 1713, de ante-manhã, tornaram a ver-se uns aos outros parentes, amigos, conhecidos da mesma terra, separadas desde a entrada para os carceres em Lisbôa, e, sendo membros da mesma familia, desde a prisão no Rio. Lá iam na procissão lugubre João Mendes da Silva e os irmãos, — André, escrivão do Registo do ouro, Bernardo que vivia de suas rendas, Luiz, capitão de Ordenanças; as irmãs, Aura, Apolonia e Josepha; a mulher Lourença Coutinho, a sogra Brites Cardoso, e os Coutinhos seus cunhados, — Diogo, medico, Manuel, sem officio, Francisco, Isabel, Branca, esta ultima com o marido, Ignacio Cardoso de Azevedo, da mesma profissão de João Mendes, além de outros, parentes afastados, por sangue ou alliança. Alguns da familia, que faltavam ao concurso, já se tinham exhibido no auto antecedente, em Julho de

1711. Setenta e quatro pessoas, vindas do Rio de Janeiro, caminhavam no prestito. Poucas deixariam de mutuamente se conhecer; e de tantas nenhuma sabia por modo certo a qual ou quaes das outras devia o achar-se alli. De todas cada um podia legitimamente suspeitar. Só de Catharina Soares Brandão, ao que parece do silencio dos processos, ninguem se lembraria.

Alguem que tivesse assistido ás nupcias da filha do contratador José Gomes da Silva, poderia contar no desfile quatorze dos convidados. Já antes se tinham visto dez no auto de 1711, sete no de 1709. O dono dda casa, que com tanta magnificencia acolhera os hospedes, no dia do desposono, encontrava-se preso, á ordem da Inquisição no collegio dos jesuitas, quando os francezes de Duclerc desembarcaram no Rio, em 1710. Na confusão da refrega pudera evadir-se, acolhendo-se a bordo de um dois barcos inimigos, em que se transportou á França, acompanhado de um filho. Dest'arte evitou a condemnação certa á morte, como reincidente. Era um antigo réo que, apresentado espontaneamente na Inquisição de Lisboa, em 1666, respondeu solto ao processo. e devia abjurar em auto publico, o que não fez, desobedecendo á ordem e ausentando-se para o Brasil. Alli trocou o nome de Marcos Henriques, sob que fôra julgado, pelo outro, que adoptou, considerandos-e á sombra delle em segurança. Descoberta a identidade em algum dos processos de que foi origem a denuncia de Catharina Brandão, proseguiu a causa no tribunal de Lisboa, e como ausente foi o réo queimado em estatua, no auto de 14 de Outubro de 1714. Tinham deposto contra elle cincoenta e tantas testemunhas, entre as quaes não faltaram os convidados do banquete nupcial. Raras vezes réo do Santo Officio teria numero tal de accusadores. Se a conhecida fraqueza destes presos foi o motivo, desculpa-os a certeza que teriam de se achar elle longe e fóra do alcance da perseguição.

João Mendes da Silva e sua mulher foram condemnados ás usuaes penas de abjuração, carcere e habito penitencial a arbitrio dos Inquisidores, e confiscação dos bens. Recolheram á prisão chamada da Penitencia, nas Escolas Geraes, para serem instruidos novamente na doutrina, e, promptos nella receberam os Sacramentos, de que pela pena de excommunhão, correspondente ao delicto, se achavam excluidos. Depois disto sahiram em liberdade a 20 de Julho. A ficção do carcere era o compromisso de se não ausentarem do reino sem licença do Santo Officio.

Sob igual imposição tiveram de conservar-se em Lisboa os demais condemnados do Brasil, até que alguns, findo o prazo, que era á vontade do Conselho Geral, puderam repatriar-se. Entre elles cinco irmãos de João Mendes, unico da familia que permaneceu em Portugal. Esse não quiz tornar ao lar antigo, aonde, despojado dos haveres e da consideração publica, nenhum interesse o convidava. Acaso tambem o pejo de encarar a muitos daquelles que, talvez sem fundamento, tinha denunciado. Bem sabia elle que assim procedendo se expunha mais á espionagem, e ao risco de uma imputação de relapsia, ainda que calumniosa; mas preferia affrontar o rigor incerto do Santo Officio á humilhação segura de se mostrar indigente e infamado a amigos e desafectos na terra natal. Tambem dos Coutinhos nenhum partiu. Não quereriam afastar-se do cunhado, letrado, intelligente, e porventura o mentor da familia, esperando delle não somente o aviso nos lances difficeis, senão tambem protecção material. Outros affins e conhecidos, já por fallencia de meios para a passagem, já pelas mesmas razões de João Mendes, igualmente ficaram. Os acontecimentos vieram a mostrar-lhe que de melhor conselho seria terem posto entre si e os Inquisidores a largura do Atlantico.

Entretanto importava aos penitenciados afastarem a desconfiança, e fazerem crivel, por actos positivos, a sinceridade de suas revogações. Foi isso o que, no mez de Outubro, levou a Lourenço Coutinho duas vezes á Mesa do Santo Officio, para denunciar da primeira vez o Padre Bento Cardoso, seu tio, da outra entra duas mulheres do Rio de Janeiro; denuncias que não tiveram seguimento, e devemos antes considerar estratagema de defesa pessoal que possivel zelo da fé.

Depois disso, e cumprida as penitencias de regra, nunca mais coube dela a Inquisição, até que, em Março de 1719, o seu nome foi outra vez pronunciado no recinto de mysterio dos Estaus. Morava por esse tempo na rua dos Arcos, em frente ao Pateo das Comedias, a irmã de Lourenço, Maria Coutinho, com quem se instaurou a série das perseguições na familia, e na mesma escada o genovês Alvaro Barreto, notario apostolico, casado com portuguesa. Esta, christã velha, como cumpria, sendo mulher de funccionario ecclesiastico, abservava com suspeitosa curiosidade as acções da vizinha, sabidamente judia de raça e penitenciada em auto da fé. De muito espiar colheu que ella e os filhos, Branca e Brites Eugenia, e o filho, João Thomaz, estudante em Coimbra, tinham por vezo guardar aos sabbados. Nêsse dia ninguem trabalhava, abstendo-se as raparigas dos lavores usuaes, de costura e rendas. Vinham de visita as irmãs da mãe Francisca, Isabel e Lourença, ou juntavam-se todas na residencia de qualquer das outras tres. Na verdade, succedia o mesmo aos domingos, em que se entregavam em casa do descanso e a folguedos, mas assim tinha de ser para afastar conjecturas perigosas.

Nessa época Lourença vivia cautelosamente. O marido, talvez judeu tibio, mostrava-se obser-

vante rigido dos preceitos catholicos, e ninguem podia notar-lhe acção suspeita. O filho mais velho, já então casado, trouxera-lhe para casa a mulher; christã sem jaça no sangue, filha de um Official maior da Mesa da Consciencia, e cuja presença, pelos dois motivs, devia ser para o publico um attestado de bom comportamento religioso. Lourença Coutinho, no dizer de um delator que penetrou na intimidade da familia, desconfiava deste filho e do marido, sem lhes dar a perceber jámais que era nella inabalavel a fidelidade á religião proscripta.

João Mendes da Silva, se não passava na mesma abastança de outr'ora pois que todos os bens visiveis tivera de largar ao fisco, ganhava largamente a vida na advocacia, e é possivel que do naufragio lhe restassem ainda valores sonegados. O certo é que pôde mandar á Universidade primeiramente o filho Balthazar, que em 1725, formado e já casado, o ajudava nos misteres forenses, depois Antonio José, neste periodo estudante de canones em Coimbra. Caso similhante ao de João Mendes tinha sido o do concunhado, Miguel de Castro Lara, penitenciado no auto de 1711, e que, advogado tambem, mandara igualmente formar um filho, mas esse em medicina. Nem sempre portanto a passagem pela Inquisição redundava em catastrophe irremediavel para os perseguidos. Alguns espoliados de tudo, edificavam novas fortunas. A intelligencia, a tenacidade no trabalho, e sem duvida por vezes o auxilio do correligionario, por aquelle espirito de solidariedade queé um dos caracteristicos da raça, soerguiam do pêgo os animosos.

Em 1725 Miguel de Castro Lara era morto. A viuva, D. Maria Coutinho, unica das irmãs tratada por *Dom*, talvez por ser espanhol o marido, tinha por vizinho na mesma rua dos Arcos o João Mendes da Silva. Haviam-lhe ficado alêm do filho estudante, e dois na infancia, duas filhas, casadoiras. Com a morte do pae afrouxara a disciplina domestica, e estas viviam um tanto á solta. Frequentavam a casa sujeitos pouco recommendaveis: um certo Mossi, italiano, professor de canto, e entre, outros o Padre Bartholomeu de Gusmão, o da *Passarola*, conhecido por *Voador*, o qual não gosava, segundo parece, boa fama. De noite havia descantes e danças, e o padre ficava até tarde. Com isto alvoroçaram-se os parentes, mais que todos a tia, Lourença Coutinho, devota nos ritos mosaicos, e escrupulosa no tocante ao decôro. Das reprimendas com que acudiu ao escandalo, invectivando mãe e filhas, resultou cortarem as relações. Acaso por isso não foi adeante o casamento delineado do filho Balthazar com a mais velha das primas. Já antes, entre o mesmo Balthazar e o primo Miguel de Castro, quando novato em Coimbra, houvera desagui sados, que as duas mães perfilharam. Com o tempo aplacavam os resentimentos, mas a cordialidade antiga nunca de todo reviveu. Tal era a situação da familia, quando a serie das fatalidades a que parecia votada se reatou.

No predio paredes meias com o da residencia da viuva, morava Luiz Terra Soares de Barbuda, estudante de Coimbra, natural da Bahia, e que se dizia ou supunha de sangue nobre e christão velho. Já tinha mais de trinta annos; os estudos caminhavam de lazer; e parece que mais tempo consumia em Lisboa que na vizinhança dos lentes. A das filhas de Maria Coutinho fez que visse a Brites Eugénia e della se namorasse. Foi bem acceito. Falaram-se das janellas traseiras, confinantes. Trocaram ditas de amor e prendas. Ajustaram casamento. Brites instigou o apaixonado a declarar-se á mãe, e assim elle fez. Todavia o acolhimento não foi o que cuidava. D. Maria Coutinho dissimulou a recusa dizendo ser intenção da filha metter-se a freira, mas que tentaria demovê-la. Esta razão falsa desfez-se ao primeiro colloquio dos namorados, e desde então começou Brites Eugenia a insinuar a verdadeira. Em successivas entrevistas foi dando a entender ao galã que, para ser esposo della, tinha que mudar de fé, Luiz Barbuda, afim de a captar, disse ser tambem christão novo.

— Não basta isso, tornou-lhe a requestada. Você vive ainda na cegueira. Se quizer ser alumiado, tem de seguir como eu a lei de Moisés.

D'ahi por deante amor e zelo religioso uniram-se em Brites Eugénia para a fazer catechista: Sempre que lobrigava pretexto desviava a conversa para sentido em que viessem a ponto as exortações. A' mocinha ignorante, que mal sabia ler e pouco escrever, não falleciam argumentos para conduzir o amado á conversão. Nos dialogos de amor brotavam comentarios do Evangelho, e destes se vê por que ordem de raciocinios os judeus cultos persistiam na antiga crença.

Dizia Brites Eugenia: — Não ha duvida que houve um homem chamado Christo, e que fez alguns milagres; mas o da resurreição é falso, pois não basta o testemunho de quatro mulheres de máos costumes, que são quem o attesta, para elle ser crivel. Se Christo realmente era filho de Deus, por que motivo disse na cruz: *Meu Deus, porque me desamparais?* e não se salvou elle proprio? Nossa Senhora era virgem: como podia ser isso depois do parto? Os christãos sem duvida são gente idolatra; por isso adoravam umas figuras de pau, quando deviam adorar sómente a Deus, seu criador.

Nestas considerações decorria parte do tempo, nas entrevistas. Luiz Barbuda escutava em silencio, não querendo descontentar a dilecta. Em outras occasiões a tentadora recorria aos exemplos. Ella mesmo tinha vivido na cegueira, fiel á lei de Christo, até que um primo, religioso, a converteu. Muita gente em Lisboa, encoberta, seguia o judaismo. E citava-lhe entre outros o famoso Diogo de Aguilar, contratador do tabaco quee fugira para Hollanda, e, não menos notavel, o Padre Bartholomeu de Gusmão, o *Voador*, compadre da mãe, fiel observante da lei de Moisés.

— Esse, retorquiu-lhe o Catechimeno, acabou miseravelmente.

De facto, o inventor da aeronautica, presbytero secular, e não jesuita como ás vezes se escreve, tinha morrido em 1724 em Toledo, onde se refugiara, suppõe-se que perseguido pela Inquisição. Não consta todavia que por delictos de judaismo. Se foi por esses, não se encontraram por emquanto os vestigios. Depois da fuga appareceu a denunciá-lo o Padre Luiz Gonazga, jesuita da casa da Cotovia, que referiu te-lo ouvido pronunciar-se contra a infabilidade do Pontifice, em materia de definições de dogmas, e defender que a lição e intelligencia das Escripturas se não devia negar a nenhuma qualidade de pessoas. Ambos as quaes opiniões mais afinidades parecem ter com as da Igreja reformada que com o judaismo. A ultima manifestada em presença de D. João V, o que não admira, sendo o Padre capitão regio. Esta denuncia foi em 11 de Outubro de 1724; e do contexto colhe-se que o *Voador* se achava ainda no mês de julho em Lisboa.

A sua morte ocorreu em novembro seguinte.

A christã nova era incansavel na deligencia de trazer o namorado á sua fé. Incitava-o a comprar a Biblia e ler os primeiros capitulos, os quaes — dizia — o pai lhe tinha explicado em vida com toda a clareza. Uma vez, Luiz Barbuda, que se tinha preparado em casa, oppôs-lhe certo passo da Escritura, tirado de um sermão do Padre Antonio Vieira .A replica não abalou a catechista, que redarguiu ser uso dos christãos inverterem o sentido dos livros sagrados. E assim dialectica e paixão impelliam a Luiz Barbuda para a apostasia.

Quando Brites Eugenia sentiu finalmente rendido o amante, aconselhou-o a procurar a tia Lourença Coutinho, e dizer-lhe que já cria na verdade. Era esta a senha pela qual as da seita se davam a conhecer. Podia ser que aquella se não mostrasse entendida, mas a declaração facilitaria o casamento.

Effectivamente assim aconteceu. Teve Luiz Barbuda as entradas de noivo; ajustaram-se as nupcias, e em Coimbra aonde foi de visita, confraternisou com o futuro cunhado João Thomaz de Castro que concluia os estudos medicos, e o primo deste, Antonio José da Silva. Ahi, na declaração mutua da crença commum, se abrazaram, parece que com lagrimas .

Preparava a desposada o enxoval, e Luiz Barbuda via em raptos de ternura approximar-se o tempo da suprema felicidade.

— Casados somos já perante Deus, dizia-lhe Brites Eugénia.

Em certa occasião, na embriaguez do desejo, quiz elle toma-la pela palavra. A solicitação foi perdida. A dozella objectou: — Perante Deus, sim; mas falta-nos sê-lo deante dos homens, e não quero apparecer-lhes envergonhada.

Ou a recusa, ou a tyrannia das prescripções religiosas, que a noiva impunha ao neophito, exigindo-lhe os jejuns rituaes, para que assim demonstrasse achar-se realmente mudado na fé, semeou entre os dois o desgosto. Luiz Barbuda mostrava-se ás vezes triste, e Brites Eugenia desconfiava que a causa seria o arrependimento, já da conversão, já do compromisso do noivado. Um dia, vendo-o taciturno e distrahido, disse-lhe:

— Se não soubessem deste casamento tantas pessoas, melhor fôra que eu não effectuassa.

Elle, tomando as palavras de despeito pela expressão da verdade, e divisando já, porventura a libertação, respondeu que na mão della deixava o decidir-se. E, deslisando da condicional para o positivo rompimento, accrescentou:

— Fique certa que por isso lhe não hei de fazer mal nenhum.

Ante a christã nova passou a visão lugubre do Santo Officio. Num impeto de colera e desprezo, interpellou-o:

— Que mal me pode você fazer que eu lhe não faça tambem?

Luiz Barbuda comprehendeu. Atados ambos ao mesmo poste, o que denunciasse seria tambem denunciado.

A disputa não foi adeante, mas se o caso na mulher era simples arrufo, ao homem deu causa para mais lhe arrefecer a paixão. A' beira de um abysmo cada dia mais hiante, o desposado, em vesperas do passo definitivo, hesitava. Que os nascidos com a macula funesta lhe arrastassem com as eventualidades, bem estava. Mas elle, que a não tinha, porque razão se arriscaria? Brites Eugenia, do seu lado, ufanava-se da ascendencia hebraica, e abominava a parte christã do sangue nas suas veias lastimando não ser judia dos quatro costados, conforme a expressão corrente.

Entretanto proseguiam os preparativos. Luiz Barbuda, em quem agora despertava o pejo dde se unir em consorcio a uma christã nova, tentou realizar o acto com o segredo possivel, e requereu fiança a banhos, afim de evitar que nos pregões se descobrisse a qualidade dos nubentes. Isso, e a proposta de irem viver para a Hollanda, em seguida ao casamento, que arriscou logo depois, fez comprecender a Brites Eugenia o estado de alma do futuro marido.

— Dos meus não me quero separar, respondeu ella, e se é por temor ao Santo Officio, Deus nos defenderá. Não é de certo caso novo mudar um christão de credo para casar com judia.

Os dois tinham chegado aquella phase do amor, em que lances de odio e desgosto alternam com os impetos da paixão. Luiz Barbuda pensou em fugir para o Brasil, onde tinha casa e familia,

---

(1) No caderno 91 do Promotor. Archivo da Torre do Tombo, cartorio da Inqusição.

mas, ao mesmo tempo, levado no curso fatal dos acontecimentos, ia dispondo o necessario para as nupcias. Recusada a fiança a banhos, pedida em Lisboa, teve de ir a Coimbra, onde como estudante era freguez, para se fazer lá a publicação.

Mas eis que ao chegar, e fóra do dominio que teria sobre elle, na presença, a mulher preferida, a idéa infame lhe occorreu de atraiçoa-la, e de ir contar tudo á Inquisição. Talvez, como havia de querer persuadir-se, por escrupulo da consciencia, arrependida da apostasia; talvez — e seria mais certo — no intuito de se desligar, pelo acto remediavel, daquelle amor fatal. A verdade é que os factos atraz narrados, constam, ponto por ponto, da denuncia por elle dada na Mesa do Santo Officio dada em Coimbra. A exposição não permittia duvida de que tambem o denunciante prevaricara na fé catholica, sem embargo da allegação que da sua parte fôra tudo simulado. O amor era a desculpa, mas cahira em si, e tomara a deliberação de ir ao tribunal confessar-se, por se lembrar que igualmente por uns amores illicitos a synagoga do Doutor Antonio Homem tinha sido descoberta. (1) A referencia não tinha fundamento, mas bem podia ser que, passando pelas ruinas da casa onde o *Preceptor infeliz* pontificou, a vista lhe despertasse o temor de sorte igual, e a idea da traição. Em todo o caso, Luiz Barbuda era, segundo as praxes, réu apresentado e não denunciante; por isso, naquella qualidade, ainda que solto, lhe havia de correr o processo, até á final abjuração.

Succedeu isto a 22 de março de 126, voltando o delator logo em seguida a Lisboa. O casamento estava marcado para o mez de maio, e elle não deixou de mandar no tempo proprio, para a residencia da noiva, o vestido e mais galas nupciaes. Que antro de dissimulação e villeza devia ser a alma deste homem! Emquanto com palavras de ternura illudia à sua victima e lhe idealizava a vida, aguardava que os esbirros chegassem, para leva-la á masmorra, e a elle o libertarem de um compromisso funesto.

Já vinha perto o dia fatal do casamento, e a demora principiou a inquieta-lo. Não estaria a Inquisição recolhendo testemunhas tambem contra elle? Em 8 ou 9 de maio montou a cavallo com destino a Coimbra, segundo disse. Ia fazer os exames finaes para a formatura, e no regresso traria os papeis para o casamento. Sahindo da cidade estacou; esperou a noite e, voltando, atravessou o Tejo para Aldegallega, caminho de Hespanha. O ardil mostra que nem só á confiante Brites Eugenia elle fugia.

Esta esperou debalde noticias, e o noivo que sempre julgou em Coimbra.

Não foi esse o que veiu, mas a 22 de maio batia á porta o familiar do Santo Officio encarregado de prende-la. Era uma quarta-feira. No domingo seguinte devia realizar-se a boda. O desposado achava-se além da raia, longe da mulher que trahira e dos Inquisidores.

J. Lucio d'Azevedo.

(Continúa)

---

(1) Lente da Universidade, sentenciado á morte, e executado em 1624 em Lisboa. A casa onde se praticava o culto judaico foi arrasada, por determinação da sentença. A victima da perseguição religiosa, os contemporaneos deram o cognome de *Preceptor infeliz.*

CORRESPONDENCIA INÉDITA DE REMY DE GOURMONT

Publicamos a seguir duas cartas ineditas de Rémy de Gaurmont, dirigidas ao jornalista carioca Sr. Figueiredo Pimentel, e que hoje fazem parte do archivo de seu filho Sr. A. Figueiredo Pimentel, a cuja gentileza devemos o inseril-as em primeira mão. Nessas cartas, de caracter intimo, Rémy de Gourmont revela a curiosidade que lhe desperta a literatura brasileira, de cuja actividade o seu amigo o põe a par, enviando-lhe com solicitude as publicações literarias nacionaes surgidas no momento.

Paris, 71, rue des Sts. Pères

19 novembre 1900.

Mon cher ami, voilà bien longtemps que je ne vous ai écrit; mais je ne vous oubliais pas, et j'ai eu l'occasion de vous être utile. C'est en effet sur mon intervention que le Mercure de France vous a accepté comme correspondant. M. Vallette vous a annoncé cela. Vous recevrez non seulement le Mercure, mas tous les livres de littérature que nous publions; j'espère que cela vous sera agréable.

Je n'ai pas reçu les journaux que vous m'annonciez dans votre dernière lettre. Mais depuis cette lettre, qui était jointe à un n.º de revue, j'ai eu le *Paiz* contenant Phocas. Egalement votre portrait, dont je vous remercie beaucoup, et qui m'a fait grand plaisir. A ce propos, je vous enverrai, de moi, un autre portrait plus ressemblant, et different, car depuis ce temps-là, je ne porte presque plus de barbe.

Vous êtes bien aimable de toujours vous occuper de moi et populariser mon nom et mes œuvres au Brésil. Je fais aussi des progrès dans l'Amerique espagnole. *La Nacion* de Buenos Ayres m'a demandé un article pour un numéro exceptionel. C'est un journal qui paie très bien et qui fait honneur à l'Amerique latine.

Si M. de Carvalho a été remercié au Mercure, c'est que, depuis qu'il a accepté d'être le rédacteur pour les Lettres brésiliennes, il n'a encore donné aucun article, voilà bientôt un an de celà. J'espère au contraire que vous enverrez bientôt votre première chronique.

A ce sujet je voudrais vous donner un conseil. En écrivant pour la France, vous écrirez pour un peuple plutôt sceptique et qui ne consent à s'enthousiasmer que rarement. Vous ferez donc bien d'être modéré dans vous louanges, même pour les meilleurs écrivains brésiliens. Un français, dire de quelqu'un: c'est un écrivain de talent, — rien que cela est un grand éloge. Il y a certainement dans les mêmes mots employés par les deux langues une grand difference de sens; il y a surtout de grandes différences de tempéramment entre les deux peuples. Vous ne connaissez pas la neige et la gelée; nous autres, l'hiver nous refroidit tous les ans.

Donnez-moi de vos novelles, mon cher ami; vous me faites toujours plaisir en m'écrivant. Je vais vous envoyer prochainement mon nouveau livre, *La Culture des Idées,* un recueil d'articles très (ou trop) sérieux. J'espère que cela vous plaira.

Croyez à ma meilleure amitié.

Remy de Gourmont.

✖ ✖ ✖

Paris, 5 juillet 1901.

Mon cher ami,

Je vous écris bien rarement; mais vous savez que je ne vous oublie pas et que je suis toujours prêt à vous être agréable.

Vous m'avez envoyé differénts journaux et revues qui m'ont interessé. D'autres que vous annon-

ciez ne sont pas arrivés. Peut-être les paquebots font'ils naufrauge? Ou bien, surpris par le gros temps, ils jettent par dessus bord les sacs de trop lourde littérature pour s'alléger. S'il y a par hasard une bonne chose dans le paquet, elle disparaît avec le reste. Ainsi il y a toute une bibliothèque au fond de la mer. Les poissons, qui lisent beaucoup, en sont devenus muets d'horreur; tout s'explique. Car vous savez qu'ils parlaient autrefois, comme en témeignent les poètes grecs et latins et encore ceux de l'ancien temps jusqu'a o La Fontaine.

Ce que vous demandez pour *Flegrea* est tour-à-fait impossible. Cela ne rentre pas du tout dans les habitudes de cette revue. Sans cela je vous aurais aussitôt recommandé au directeur. Soyez tranquille, grâce à vous, la littératur brésilienne prend sa place parmi les meilleurs et les plus intéressantes. Continuez à nous tenir au courant. Plus elle sera connue, plus elle sera appreciée.

Vous m'aviez dit que *O Paiz* allait m'écrite pour me demander des lettres de Paris. J'accepterais si ces lettres étaint très courtes, car je n'ai pas beaucoup de temps en dehors de mes travaux personnels, de mes livres. Il faudrait aussi que les conditions fuassent bonnes. Je sais que le change est fort onéreux pour vous quand vous avez à payer en Europe; mais 25 ou 30 fr. par lettre hebdomadaire, cela ne serait acceptable que si la lettre était très courte; 4 à 5 mille lettres.

Je vous dis cela à tout hasard, dans le cas oú ce journal aurait vraiment l'intention de m'écrire.

J'en ai reçu un numéro dernièrement. Il contenait comme d'habitude une Lettre de Paris de M. X. de Carvalho.

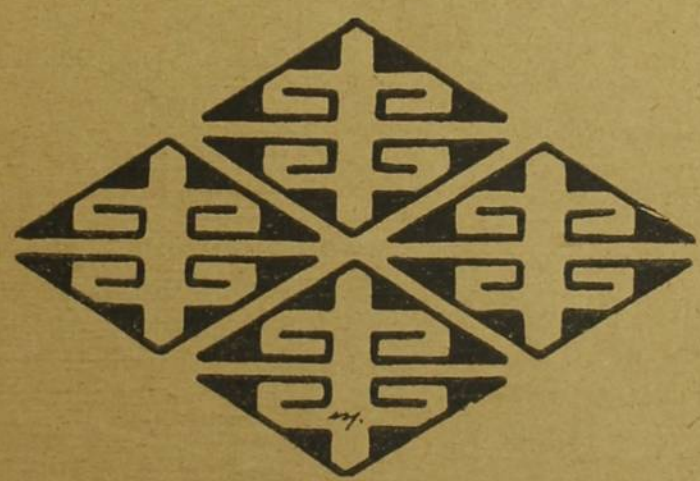
Je serais très heureux d'écrire dans ce grand journal si important au Brésil, et bien connu en Europe. Je le lis souvent et il m'intéresse toujours.

Ce fut bien aimable à vous, et d'une bonne amitié, d'avoir voulu donner mon nom à l'un de vos enfants. Hélas! il n'a pas vécu! Je le regrette donc doublement et pour vous et pour moi, — qui aurais eu, là — bas, parmi de bons amis, quelqu'un de mon nom et qui aurait appris à m'aimer en apprenant à vivre.

Adieu, mon cher ami. Si vous êtes longtemps sans nouvelles de moi, ne soyez pas faché pour cela. J'ai tant de lettres à écrire — tant de papier à noircir!

Soyez heureux, Votre ami

Remy Gourmont.



BAKING-POWDER INTELLECTUAL

O homem fallava e eu escutava.

E elle dizia:

— Si o senhor quiser fazer a propaganda do meu producto no seu país, poderá ficar rico em pouco tempo.

O *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL, como o nome está dizendo, é um similar do seu congenere de emprego culinario e com o qual as bôas donas de casa fazem verdadeiros prodigios de arte confeiteira.

Assim é que com uma simples pintadinha d'esse fermento, ellas conseguem não só diminuir o *peso* da farinha de trigo exigida pelas receitas, isto é, fazem *render* a farinha, como obteem ainda que os seus bolos e pudins, embora cozinhando com maior presteza, cresçam e se mostrem extremamente fôfos.

Como vê, uma dupla economia, de tempo e de dinheiro, e isso sem nenhum prejuizo do paladar, uma vez que os doces assim feitos são tão saborosos como os outros, que demoram mais tempo ao fogo e levam uma maior quantidade de farinha.

Pois a acção do meu producto é muito similhante á d'esse fermento. Apenas, como elle age sobre o cerebro, eu lhe dei o nome de *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL.

O *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL actúa exclusivamente sobre a massa encephálica que, graças ao seu poder altamente fermentescivel, cresce e se desenvolve de uma maneira espantosa.

Ora, crescendo e desenvolvendo-se a massa encephálica, nada mais natural do que desenvolver-se tambem o pensamento, uma vez que o orgam faz a funcção e que, no dizer de Carlos Vogt, «o pensamento é uma secreção do cérebro».

E o homem, citando Carlos Vogt, teve um ligeiro sorriso de satisfacção.

Mas elle fallava e eu escutava.

— O senhor nem imagina de que prodigios é capaz o meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL.

Basta lhe dizer que pela sua acção se acabam de vez com os *conhecimentos pela rama* e está ao alcance de todo o mundo conseguir uma ou mais *especializações* em assumptos que sem elle exigiriam longos e porfiosos annos de estudo e, talvez mesmo, uma decidida vocação.

Sim, porque o meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL prescinde até das vocações, ou, antes, as fórça ou modifica, sendo sufficiente para isto que os individuos dispostos a beneficiar dos seus effeitos, adquiram umas vagas noções d'aquillo em que desejem aprofundar os seus conhecimentos.

É que, como acontece com os bôlos e pudins que soffrem a acção do outro *BAKING-POWDER*, aqui tambem se póde diminuir o *peso* da farinha, isto é, dos estudos, que *rendem* muito e dão a sabedoria quasi sem perda de tempo e de dinheiro.

Será o caso daquelles que até então sem nenhum pendor para as lettras, se podem transformar de subito em primorosos escriptores, promptos a receber a consagração das Academias, desde que já sob os effeitos do meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL, se abeberem das paginas de algum carunchoso clássico, que lhes communica logo o seu estylo castigado e bem torcido.

Ás vezes, nem isso mesmo será preciso e parece que a sabedoria acode por outro sentido que não os cinco já nossos conhecidos. Assim, simples médicos, noveis bachareis ou incipientes, engenheiros passarão a *acatados scientistas, respeitaveis philosophos* e *grandes mathematicos,* uma vez que mantenham, pelo espaço de algumas horas ao calor da sovaqueira, e após haverem ingerido uma pitadinha do meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL, a *Introducção ao Estudo da Medicina Experimental,* de Claude Bernard, uma *Ethica,* de Spinoza, ou o volume de Thompson a respeito do *Calculo Differencial e Integral ao alcance de todos.*

Ao senhor, que é um homem intelligente, não será difficil comprehender a relevancia da minha descoberta. Por meio d'ella, acabou-se tambem de vez com a difficuldade de encontrar *the right man for the right place,* e que é muitas vezes um grande escolho dos governos.

Graças ao meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL qualquer individuo poderá habilitar-se a exercer as mais disparatadas funcções, a occupar os cargos mais differentes e de maior responsabilidade, e isso sempre a contento dos seus superiores e mostrando sempre zelo e competencia inexcediveis.

D'est'arte, e por effeito de uma simples pitadinha do meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL, poetas farão de estadistas, e estadistas de guerreiros, e guerreiros de agrimensores, e agrimensores de diplomatas, e diplomatas de hygienistas, e hygienistas de astronomos... E isso tudo, já se vê, sempre com agrado de todos e para felicidade geral da nação.

É ou não é um producto maravilhoso o meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL?

E o homem fallava e eu escutava:

— Agora, para ser franco, os dous unicos óbices que difficultam uma maior vulgarização do meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL.

Em primeiro logar, o producto é ainda caro e só póde ser usado pelas élites. Em segundo, trata-se tambem de substancia tóxica e que deve ser manipulada com muito cuidado. É verdade que, para fugir aos accidentes, eu faço juntar, a cada latinha do meu fermento, uma colher-medida, de cincoenta centigrammos, o que é a dose diaria, a não ser ultrapassada.

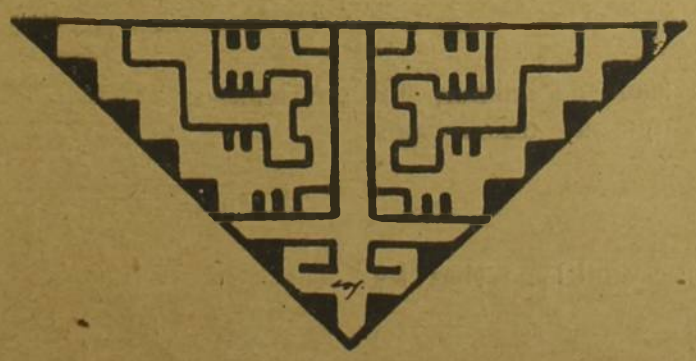
Foi por ahi que o homem calou, e eu continuaria tambem calado se elle não insistisse:

— Si o senhor quiser fazer a propaganda do seu producto no seu país, poderá ficar rico em pouco tempo.

Então, foi elle que ficou calado e eu que fallei!

— Não, porque nós já temos tambem um producto muito similhante ao seu e, sem duvida, superior: É que o nosso está ao alcance de todas as bolsas e póde ser usado até ás colheradas de sopa, varias vezes ao dia...

GASTÃO CRULS.



ENTRE A FÉ E A DUVIDA: JUNQUEIRA FREIRE

Não sei a causa dos aferidores de valores literarios, entre nós, que consultei, acharem exiguidade nesse Junqueira Freire, que se envenenou com os toxicos de Voltaire e Byron, e, desesperado por não crêr na crença verdadeira, quiz acreditar na descrença do pantheismo theosophico, gritando em sua dôr:

«Tudo é Deus, tudo é Deus, — o mais são nomes!»

Não pelo sentimento, sómente, viveu e cantou, o que julgava cantar e viver pela razão, como a endeosaram os encyclopedistas. Desalentado pelo romantismo, que foi, no dizer de um critico da actualidade (1), «uma crise moral», «uma invasão do protestantismo por intermedio do influencia allemã no mundo», e «um desequilibrio entre a intelligencia, o sentimento e a vontade», (2) o mystico serenissimo, que o era no fundo o poeta do

«Creia num Deus, — e dos dulçores goze
De almo ascetismo.
Não mais lhe rôa as visceras o cancro
Do scepticismo.»

brada, imitanndo os precursores da Revolução Franceza,

«Isenta de paixões, — de amor, ou odio,
Surja a razão.
Não obedeça escrava aos sentimentos
Do coração.»

Canta o amor tambem, e amor da mulher, dominador, unico universal, em que se transformou o catholicismo lyrico de Chateaubriand, Lamartine, Hugo, Vigny... (3)

Acastellado na Duvida, que Musset transformou em torre de marfim, oscillou entre o prazer da solidão e as volupias do mundo. E, no seu tormento, quasi chegou a exclamar, como os de que fala o redemptorista Krebs: «Nem Deus, nem Senhor!» É o grito do orgulho, da suprema degradação do espirito. Por esse meio, Satan faz o homem chegar ao derradeiro degráo do ridiculo. O homem, tendo-se curvado covardemente em frente do homem, ergue-se estupidamente deante de Deus! — Nenhuma é tão altiva, aliás, quanto a alma humilde e submissa ao Senhor. Não é ficar acima de todas as creaturas, permanecer aos pés de Deus? Não é um typo de altivez este grande coração, que um dia se assignou: *Paulo, escravo de Christo?*»

No claustro, o insatisfeito cantor de «O Monge» e de «Os tumulos», odeia e ama, simultaneamente, o claustro. Não ha quasi gradação de matizes intellectuaes em seus sentimentos: superpõem-se os de luz e os de treva. Nas «Inspirações do Claustro», o convento é, ao mesmo tempo:

«... um sonho de bonança e gloria»

e uma

«Pasta de lama escurecendo os ares»

Adora o silencio:

«Não: sózinho é melhor. Sózinho o cysne
No vazio dos céos mais livre adeja.»

e teme-o:

«A solidão profunda
Augmentava o pavor, crescendo a noute.»

---

(1) Auguste Viatte — «Le catholicisme chez les Romantique».

(2) Idem. Idem.

(3) Idem. Idem.

Nas suas longas noitadas de só, recorda a mulher que amou, e que dorme entre os braços de outro homem:

«Has-de amar-me na terra e além dos astros.
Eu te ensinei um sentimennto eterno.»

e sabe que ella o não esquece, porque

«Meus versos cantas para o sol que nasce».

Embebido dos sonhos vãos do seu tempo e das delicias dos tempos mortos, vagueia entre Rolla e Job. Errante nas vagas da razão atheistica, perdeu-se, sem achar descanso, nem no lar paterno, nem no mosteiro, nem no mundo dos falsos gozos materiaes: transformou-os todos, em estereis desertos. A solidão do claustro não lhe poude rociar a brasa do coração. Entenebreceu-lhe o espirito a quietude religiosa dessas horas de ascese, em que sentiu a monotonia infinita de dias infindos, eguaes nas obrigações, nas penitencias e nas esperanças. No casto ninho branco de sua cella, não se entregou á purificação alentadora das meditações e das preces. Profanou a santidade do templo, blasphemando, o que fôra procurar no templo o allivio da graça. Tudo, porque não se revestiu de Christo, deixando de morrer em si e para si. Individualista exaltado, amara-se demais, demais amando os seus desejos invendidos. Não exilou do mundo, o que delle fugira, o coração onde o orgulho do talento, desorientado pela indisciplina mental, e o amor-proprio do corpo, abandonado pelo amor, entredespedaçaram-se. Triste campo de batalha da vaidade e das paixões, aquelle espirito fulgentissimo desprezou, na clausura, as caricias velludosas da obediencia e da humildade, e atirou-se, sangrando, sobre as lanças de suas aspirações triumphaes. No mundo sonhou, antes e depois de enclausurado, com o santificante sossego da solidão. D'ahi a sua obra «Inspirações do Claustro» — eden povoado de trasgos, braseiro em que nasciam rosas, onde ha esta canção de acalanto — «A orpham na costura» —, que minha mãe cantava para me adormecer. D'ahi as «Contradicções poeticas» — geleira e vulcão, onde as singularissimas claridades da «Invocação»

«Formosa virgem dos valles,
Visão dos tempos de Deus,
Vem, corre, transforma, alimpa
Meus pensamentos atheus.

Preciso das tuas vozes,
Do teu innocente ardôr.
Vem, bella virgem dos valles,
Vem me falar do Senhor.»

se alternam com os raios da sua noite tragica de desventurado:

«Vai, desgraçado, vai. Fartar-te m crimes.
Sacia as garras, cobre-te de sangue.»

Numa cella, que elle habitou, na Abbadia de Brotas, na Bahia, vive um outro poeta, outro grande poeta — Arthur de Salles — limpido espirito, que reverencia a solidão dos sózinhos:

«Solidão ddo deserto... O jejum, a oração...
Jesus bebeu da tua agua e comeu do teu pão».

porque o amedronta a outra, a tremenda solidão dos incensados:

«Ignota solidão do que gira na insana
Estridorante confusão da vida humana.»

Ali, esse outro, talvez presinta o fantasma negro de frade, evocando o seu desalento no seio do deserto, na dolorosa amargura de o não ter podido amar.

Junqueira Freire foi um contradictorio no pensamento e na acção. Enternece-se infantilmente ante a desgraça de Frei Bastos, o frade mundano de admiravel memoria, o qual descia das conquistas do pulpito para outras inconfessaveis, e de quem disse:

«Desces do altar á crapula homicida,
Sobes da crapula aos fulmineos pulpitos,

. . . . . .
. . . . . .

Porque te afogas, Bossuet brasileo,
No immundo pego da lascivia impura?»

e sente o coração desbordar-se-lhe de amarulento prazer ao não encontrar-se similhante aos quietos frades entre os quaes tres longos annos vivera e que ouvira e vira, ao som dos sinos, exteriorizados na contemplação divina. Não nos amara em sua missão de apostolos da alta vida unitiva, de penitentes interiores. Perguntava, como outros ainda hoje o fazeem, para que a existencia destas almas em corpos immoveis; para que esta quietação em meio aos rodopios do mundo. Não soube comprehendel-as na grandeza de imitarem na terra a obrigação dos seraphins no ceo, de realizarem no mundo, a perpetua adoração ao Todo Poderoso. Elle, que divinisava a acção, desprezou os exacticos. Quizera vêl-os transformados em instrumentos de actividade material, batendo as bigornas e entrebatendo as armas: operarios ou soldados, em vez de ascetas. Não lhes penetrara a psychologia maravilhosa, daquelles espiritos apparentemente immoveis, mas, na realidade, poderosamente activos.

Era moda, naquelle tempo, maldizer-se o monachismo. Hugo, — «o éco sonoro» —, e que pensava com os pensamentos da multidão, embora julgasse com os delle guial-a, e Hugo do *Claude Frollo* da «Notre Dame de Paris», deslumbrava com os seus arrebatamentos e os seus paradoxos a nossa nativa ingenuidade. Preferiam o revolucionario das abjurgatorias e das apostrophes, o derrocador do *Ceci tuerá cela,* em que o demonio do reclamo businava o clarim popular, ao encantador poeta solitario do *Le Poète s'en va...*

«Le poète s'en va dans le champ; il admire,
Il adore; il écoute, em lui-même une lyre».

E Hugo odiava os frades...

Enrodilhado no rodomoinho de amor indomado, e envolto na obsessão de um vago philosophismo ecletico, Junqueira Freire ddourou a sua descrença, caprichosamente romantica, de uns tons sentimentaes de catholicismo esthetico, herança do espirito irrequieto e ambicioso de Chateaubriand dos ultimos tempos. Que poderia encontrar de verdade religiosa quem a não podia distinguir, pelas influencia litterarias e pela edade em flor, dos devaneios desequilibrados de humanitarismo sem freio? Que poderia achar de belleza na liturgia benedictina (como depois succedeu ao convertido Huysmans), e na interpretação dos dogmas catholicos, quem se entregara ao sonho nihilista da revolução francesa? Que poderia encontrar de grandeza na obediencia monastica, viva através dos seculos, quem via fantasmas tyrannicos em tudo quanto se rotulava de passado? E nós, que vivemos agora, neste seculo de sovietismo, de desmoronamentos, talvez de renovamentos, em que somente a Egreja de Jesus Christo representa a ordem e a estabilidade, não sentimos nas actuaes campanhas contra as creações classicas uma volta aos tempos de desequilibrio romantico, aos reformadores protestantes de 1830? Não será um néo-romantismo sem genios o movimento futurista? Os romanticos tambem passaram destruindo, sem saber como queriam edificar, embora com o tempo alguns construissem extraordinarios monumentos artisticos. «Le romantisme c'est le liberalisme en litterature: la liberté dans l'art, la liberté dans la société, voilá le même but auquel doivent tendre d'un même pas tous les esprits conséquents et logiques» (4), affirmava Victor Hugo no prefacio-manifesto do *Cromwell,* E Goethe dizia, como os futuristas actuaes: «Não ha planos nem regras de convenção, de que mais particularmente dependam as condições do Bello». (5) Amantes das pompas exteriores da religião, não lhe conseguiram entender o espirito, e ergueram-se alguns contra o catholicismo... por simples exigencia da moda. Castro Alves, catholico, exigia... romanticamente:

«Quebre-se o sceptro de Papa,
Faça-se delle — uma cruz!
A purpura sirva ao povo·
P'ra cobrir os hombros nús.»

O povo, o enigma de todas as revoluções.

Era a ordem do Papa Hugo... o anti-papa do romantismo.

Junqueira Freire tinha de ser modernista; não se podia atrasar, olhando e venerando o passado. Quem tem ambições não se pode deter no caminho, para admirar um capitel de templo grego ou uma imagem de Nossa-Senhora. O nosso poeta tambem entoou suas lôas aos quatro manipanços: Liberdade, Progresso, Eclectismo e Razão.

De pé sobre estas quatro lascas de rocha em perpetua decomposição, bradou no prologo das suas «Inspirações do Claustro», convicto do valor de sua coragem e do seu sonho: «As poesias presentes agradarão a bem poucos: agradarão apenas a algumas almas fortes, que não puderem ainda ser eivadas nem do cancro do scepticismo, nem da mania do mysticismo: agradarão apenas a alguns homens completamente livres, que não sujeitaram-se ainda, senão ás luzes da razão. Ora, estes homens são bem raros na sociedade actual, porque

---

(4) e (5) Cit. por Dom André Basquim, O. S. B. no «Peintres de Marie».

a hyperbole dos systemas e das crenças traz em si não sei que talisman, que arrasta todos os espiritos, por bem formados que sejam. O eclectismo nas opiniões, que não são essencialmente philosophicas, repugna ainda aos animos, e é chrismado de absurdo. Eu tenho, portanto, a maioria dos homens por meus inimigos.» Graças a Deus, o bom senso dos homens ainda é o dique contra os absurdos. Estava por dizer-vos que o mystico Junqueira Freire, por uma exigencia do eclectismo da escola romantica, antecedeu Madame Blavatsky, e, se vivesse mais, talvez se fiezsse espirita, como Hugo, e illudido «éco sonoro». Agora mesmo, em nossos dias, não conhecemos muita gente, que vae rolando nesta onda, perpetuamente, sem definir-se, sem querer affirmar-se, enganando-se com a illusão de se dizer tolerante ou livre-pensador, pela preguiça intellectual de pensar seriamente em alguma cousa? E, no entanto, aquelle que julgava eguaes, Deus, Brahma, Zeus, e até o nosso indigena Tupan, foi o mesmo que inspirado pela Fé catholica, no christianissimo poema «Os Claustros», que epigrapha:

«Tu, que sabes chorar a crença exangue,
— Crente! — desamarás os ais de um crente?»

conclue
a defesa do catholicismo, affirmando com a bravura de um martyr antigo:

«Oh! — se rolar por terra a cruz do claustro,
Expire o bardo seu nos braços della!
Mas ai de vós, — varões da nova edade,
Mais sabios de que Deus, mais fortes que Elle,
Tramae, tramae, com a furia dos demonios,
Tramae contra o Senhor e os crentes n'Elle;
Balda loucura; a cruz espesinhada
Ha-de erguer-se maior n'outro Calvario.

O poeta se levanta contra o poeta. Alma contra alma. O homem de fé absoluta ergue a disciplina contra o transviado da Fé. Realisa o bello gesto do tentado, cingindo o cilicio asperrimo para dominar a tentação.

Não caberia, senhores, num simples, leve e curto discurso de recepção e agradecimento ao fraternal asilo, que em vosso seio abris ao mais pauperrimo dos espiritos de artista, mais longo divagar através da obra e da alma do mais curioso e mais esquecido poeta brasileiro. Outros estudam, demoradamente, o nosso atormentado Anthero, cujo exanime coração se despedaçou a cantar, assim uma lyra, que, de uma vez, estalasse todas as cordas, sem concluir a formosa melodia começada. Debuxei um aspecto apenas daquella alma multiplice de poeta e philosopho.

Concluirei dizendo-vos os versos do «Porque canto?», no meu sentir, o mais alto vôo mystico da poesia brasileira. Aqui o poeta doutrina sabiamente. Talvez, escrevendo-a, tivesse a intenção de fugir á sua «maxima culpa», e procurasse explicar seus erros, appellando para as razões occultas da Providencia. É uma interrogação que muitos fazem, e que poucos respondem como elle respondeu:

PORQUE CANTO?

Vae e clama.

(Palavras do Senhor a Jeremias).

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E vaga, e vaga, aligera e perdida,
Pelas solidões do firmamento ethereo,
Bem como o seraphim que esguarda os mundos,
Livre os celestes paramos percorre?
Porque penetra, ás vezes, arrojada,
Nos mysterios reconditos do Eterno,
O alabastro de nardo aos pés de Christo?
E toda entorna-se a seus pés, — bem como
Co'os angelicos seres de além-astros,
Porque se abraça em incorporeo amplexo
E, como a chave das eternas portas,
Abre os thesouros do poder de Altissimo,
E nelle bebe inexhauriveis gozos?

Porque Deus — substancia eterna —
Donde minha alma baixou,
Quer ás vezes que ella suba
Ás delicias que deixou.

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E por entre deliquios exaltados,
Desce ás fataes, exteriores trevas,
Aos insondaveis boqueirões do inferno,
Bem como o anjo da soberba outr'ora

Pela invisivel dextra fulminado?
Porque prova um prazer terrivel, forte,
Em ver a imagem desse horror tremendo,
Em ver a face desse cháos torvado,
Em ver o orgulho do peccado infindo?
Porque no fundo da gehenna ardente
Sentir procura as emoções mais barbaras,
Gostar deseja sensações de fogo,
Como procura a fatua mariposa
Chammas de luz, que ha-de, talvez, queimal-a?

Porque Deus tambem ás vezes
Para os abysmos nos lança,
Para vermos seus castigos,
Seus thesouros de vingança!

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E sente em si um vacuo desmedido,
Uma infinita inanição ignota,
Como talvez o espaço, o qual se estende,
Se derrama e se perde a nossos olhos?
Porque procura — sequiosa, arfando —
Encher esse vasio indefinivel,
Qual para labios torridos, queimados,
Enche-se um calix de cristal suave?
Porque procura, um coração extranho,
Qualquer embora, — mas que o seu não seja,
Para nelle fundir-se inteiro, inteiro,
Como varios metaes de varias sortes
Ao mesmo fogo identico se ligam?

Porque Deus — saber eterno —
Taes a nós nos quiz formar:
Quiz a hera unida ao tronco,
Quiz a terra unida ao mar.

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E vaga pelo mundo e julga os homens,
Qual severo juiz, e os escarnece,
E compondo um sarcasmo ás phrases suas
Co'o riso de Democrito os insulta?
Porque descrê das affeições, que mostrão,
Francos, singelos, como rir de infante?
Porque despreza um coração de amigo,
Que o foi por tempos, na apparencia ao menos,
E falsario, trahidor, demonio o chama,
Por um assomo de suspeita ou colera?
Porque da creação blasphema ás vezes,
E tem por máos os sentimentos de homem,
E a natureza dos mortaes exprobra
Ante o Senhor, que nol-a deu tão justa?

Porque Deus tambem ás vezes
O braço de nós retira,
Para vermos os perigos,
Em nossa alma se atira!

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E num enlevo mentiroso sonha,
E dá no seio de um prazer sem termos,
Esbarrando no amor, como na imagem
Da ventura maior que o mundo offerta?
Porque se abraça n'este amor terrestre,
E as emoções mais physicas apura,
E as quer, e as busca, e tresloucado as ama
Co'a mesma devoção, que aos céos dedica?
Porque em tal modo o espirito embrutece,
E vae sua alma estupida tornando,
Que ás plantas da mulher, que delle zomba,
Chega a prostar-se, e jura-lhe perverso
Paixão eterna, além da campa; — e o corpo
Dar ao martyrio pelo amor promette?

Porque Deus deixa a materia
Ter tambem sua victoria,
Para que, — quando a alma vença, —
Brilhe maior sua gloria!

Porque se me extasia a mente ás vezes,
— E quanto fui beber no céo, no inferno,
No mundo, em tudo, que medito e vejo,
Por meus labios de vate se derrama
Em torrentes de harmonica linguagem?

Porque Deus poz em meu peito
Um thesouro de harmonia;
Deu-me a sina dos seus anjos,
Deu-me o dom da poesia.

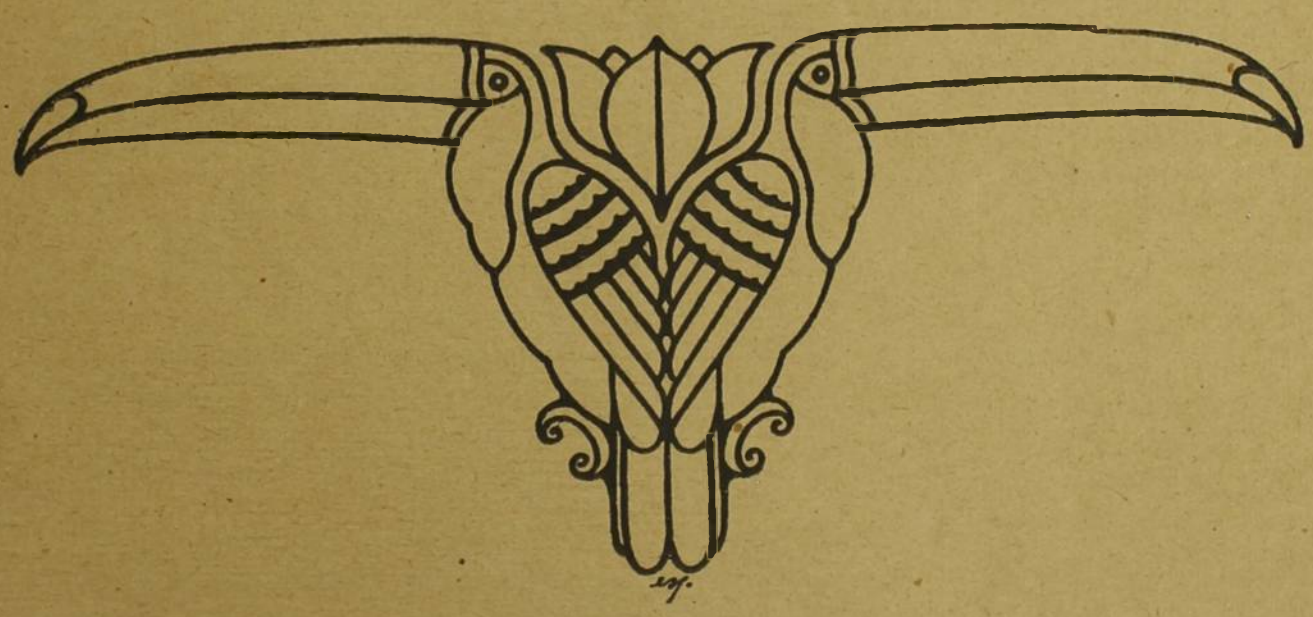
Cantarei o céu, o inferno,
O mundo, — o que me approver,
Cantarei a Deus, o homem,
Os amores da mulher:
Cantarei, emquanto vivo,
Porque Deus assim o quer!

E porque Deus o quiz, está aqui, deante de vós, o mais vil, o mais indigno troveiro do Senhor, nesse anno em que se commemora a vida absurdamente bella e incomprehensivelmente amada do *Poverello,* para dizer-vos: A despeito das escolas e das illusõees dos homens, a despeito das extravagancias das modas literarias e das noites da razão humana, a poesia altissima, a poesia eterna, a poesia de Deus, que inspirou Dante e Milton, David e São Francisco de Assis, viverá além do tempo e do homem, deixando reflexos até nas obras dos desgraçados poetas satanicos, á similhança desse estupendo infeliz Beaudelaire, que diaphanisou, como um santelmo sobre a treva dos seus desenganos, este psalmo:

«Vers le Ciel, où son ceil voit un throne splendide,
Le Poète serein lève ses bras pieux,
Et les vastes éclairs de son esprit lucide
Lui dérobent l'aspect des peuples furieux:

Coyez beni, mon Dieu, qui donnez là souffrance
Comme un divin remède a nos impuretés
Et comme la meilleure et la plus pure essence
Qui prépare les forts aux saintes voluptés!»

DURVAL DE MORAES



INEDITOS DE JUNQUEIRA FREIRE

(PUBLICADOS POR AFRANIO PEIXOTO, CONTINUANDO O ENSAIO LITERARIO QUE SAIU NOS NUMEROS PRECEDENTES DA «REVISTA DO BRASIL»).

VII

CARTA

(Trechos de um borrão de carta, escripta ao Poeta Francisco Moniz Barretto, o repentista, sobre assumpto literario. — O original está nos Archivos da Academia Brasileira).

«Snr. Muniz Barretto:

Sou um individuo nascido ha vinte annos, educado portanto com Alexandre Herculano e Garrett. Conheci mui pouco a Bocage em minha meninice litteraria. Sou enthusiasta desse progresso, a que os retrogrados chamam — louco, utopico, impotente. — Como esses mesmos litteratos com a cabeça e o peito transbordando de futuro, algũas vezes chego a abhorrecer o passado. Abhorrecendo o passado ou idea, abhorreço-o tambem na expressão. As formas antigas não me inamoram muito em consequencia desta prevenção, ou deste prejuizo de menino. Tenho o defeito de achar a civilização moderna melhor do que a antiga até nestas formas. Adoro os que representam as formas desta civilização, ou antes esta mesma civilização, — porque se ha forma, é que já houve fundo. Eis-me, pois, feito um destes meninos utopistas, sonhadores, tresloucados, — como nos alcunham os bons dos retrogrados.

Ora, nesta revolução, a poesia, como tudo o mais, tomou uma nova expressão. Não estou fazendo uma dissertação para mostrar si esta poesia de nova expressão tem novo fundo. Não o sei eu. Mas creio mui profundamente que, si mostra nova forma, suppõe novo fundo. Qual é elle?

Eis aqui o que muitos dizem, eis aqui o que eu mesmo era bem capaz de dizer, — mais eis aqui o que muitos não sabem, eis aqui o que eu tambem não sei. Quero dizer que muitos fallam da natureza e distincção das duas escholas — romantica e classica, sem intendel-as, — mas eu que estou fazendo uma confissão conscienciosa, digo com toda a sinceridade que não sei.

O que sei somente é que a eschola romantica tem escripto no frontal de seu templo a palavra — liberdade —, e assim como a eschola classica tinha escripto tambem no frontal de seu templo um rol immenso de nomes dourados, onde liam-se por ordem Aristoteles, Longino, Cicero, Quintiliano, Horacio, Pope, Blair, Laharpe, Despreaux-Boileau, Candido Lusitano, Jeronymo Soares, — e por baixo de todos esses homens ainda uma linha — a linha da escravidão. Eis aqui o que insiha a todos a leitura das obras primas das duas escholas, a dos preceitos e da liberdade. Eis aqui tudo o que eu sei, fallando com o coração nas mãos.

Intento assim o romantismo, e nessa persuasão abracei-o».

(Exulta em seguida a Moniz Barretto que vêja o chefe dos novos... Esses romanticos soltos, de tanta liberdade viriam um dia a reclamar algemas e a prender-se na poesia parnasiana, para reclamarem de novo o ar livre, a musica verlaineana, sem pés, sem ritmo, sem rima agora, no futurismo do presente, porque haverá sempre no futuro outros futurismos, outra coisa differente do passado...)

VIII

CARTA DE DESPEDIDA de Junqueira Freire a sua mãe D. Felicidade Augusta Junqueira, quando se recolheu ao convento de S. Bento na Bahia, aos 9 de fevereiro de 1851. (Pela primeira vez impressa integralmente: Franklin Doria, no estudo que precede as «Contradicções poeticas», Rio, 1868, p. 28, publicou alguns trechos).

«Minha Mãy:

Já não sou filho de Vmcê., e sou filho da religião.

Acabo de prestar ossacrosanto e inviolavel voto de eterna obediencia a os meus prelados, o indissoluvel juramento a Deus, nosso verdadeiro pay celeste; alistei-me nas fileiras dos soldados de Bento: já não sou senhor de mim — a regra, os preceitos angelicos de aquelle sancto patriarcha moderarão meus passos, conterão minhas redeas na carreira da minha vida, de esta vida terrena, que de nada vale, que para nada presta, cotejada com a celeste, com a divina, que á dextra sua nos prepara bondadoso o omnipotente Senhor, depois de este breve, mas tormentoso navegar, de agonisações, de flagellos, de erros, e de enganos, conforme nossas acções: eis — ahi; minha mãy, a razão, porque, fechando os olhos ás saudades, que neste doloroso apartamento me acabrunham, determinei voluntario intrar em ũa communidade, pois vivendo á-la-una podemos somente os frades fugir com mais coragem e constancia das investidas e tredos accommetimentos do inimigo cruel — Lucifer. Ahi nesse mundo de miserias, onde o luxo abjecto é toda a base e alicerce da sociedade já corrupta e ainda corruptora, — ahi, onde a cada passo se tropeça com os vicios, com as maldades — ahi, onde a deshonra e a infamia é o descarado timbre dos homens. — ahi, onde até a mais pura das affeições humanas, — amizade — falsa e affeitadamente apenas se arraiga e firma no vil interesse, — ahi na campanha de desmoralização, no requinte dos crimes não é que se catar deve a salvação, ahi, sob color de mil apparencias ambaidoras, só é achadiço o demonio, em vez de Deus: nem ás maranhas do diabo se pode resistir fortemente, ũa vez que nos falta a os homens a potencia acha de armas, com que se vencem ás batalhas do animo, que é a continua oração e mortificação de espiritos. Determinei achar a salvação de minha alma. Já não sou filho de Vmcê, — sou filho da religião.

Extranho sem duvida parecerá a Vmcê o meu procedimento, de hoje: fallo de não me haver despedido de Vmcê, de minha chara irmã, de meu affilhado, etc. como era de meu dever. Sabido é por todo o mundo que a despedida aguça as dores, exaspera as saudades de parte a parte, e exagera a acção: a despedida foi ũa mera formalidade, um costume, que em a sociedade se intrometteu, e que hoj'em dia tem foros de lei, — ũa inutil moda, que bem sem ella nos podemos e devemos haver. Alem disto, tive em vista neste entrementes que Vmcê não pouco soffre dos nervos, para que podesse com sufficiente força aguentar este choque. Spero portanto da benignidade de Vmcê que me perdôe esta (na linguagem dos cavalleiros de alamodas) incivilidade, ou, melhor, — impolitica; e (na linguagem das moças) ingratidão. Quer com despedida, quer sem ella — o resultado seria o mesmo: estou em San Bento.

Agora devo lhe dizer a Vmcê que se console: que tudo mana do alto e que quanto Deus faz, é por melhor, como dizem: que nem é longo o tempo do meu noviciado, porque sendo apenas um anno, dezenove passei-os eu em companhia de Vmcê, entretanto que Vmcê teve o cuidado de minha amamentação, criação, educação, — trabalhos impagaveis de mãy, que per nem um filho poderão ser assás retribuidos, si não per Deus: mas eu já não sou filho de Vmcê, sou filho de meu pay — Deus —, que é só quem ha de pagar a minha

mãy os cuidados, o affan, os gastos, que teve commigo, seu filho de elle.

Aqui na cella, que deram-me, não hei cadeira, onde sentar-me, nem cama, onde reclinar-me: neste conflicto Vmcê dê pressa ás obras, para que incontinente venham sofá e cadeiras, et reliqua.

Recommendações infindas a todos de casa, — a minha mana, meu afilhado e sua mãy de elle.

Esta é do filho obediente amante e verdadeiro.

Luis».

IX

CONFISSÃO DE JUNQUEIRA FREIRE

(Pela primeira vez impressa integralmente: no «estudo» com que Franklin Doria precedeu a edição das «Contradicções poeticas», vem longos trechos, incompletos e sem seguimento).

I

Pretendo escrever um curto periodo de minha vida, como se fallasse de um homem que não está em mim. Com a mão bem entranhada na consciencia, arrancarei de minha alma as verdades que lhe estejam encolhidas. Nem o orgulho, nem o pejo obrigar-me-áo a fazer ambages em minhas viagem. Confessarei egualmente o que me condemna e o que me justifica. Sem o cynismo de Rousseau, serei tão verdadeiro, como elle. Sem o genio brilhante de S. Augustinho, procurarei imitar sua simplicidade.

Ser-me-á necessario involver commigo outras personnagens. Aqui está todo o labor. Si eu errar em um traço, que só a mim se refira, ninguem se lhe dará disso. Si, porém, minha penna carregar com mais força sobre o caracter de outrem, alevantar-se-á um furacão acaso, que me engulirá.

Esboçarei todos esses diversos caracteres com a coragem que me animou a esta empresa. Não me importa o odio, não me importa o amor. Si me falta talento de Tacito, possuo ao menos sua firmesa. Eu tinha completado meu tirocinio de philosophia debaixo da direcção do Revm.º Pe. M. Quirino José Gomes. Apesar do enthusiasmo que este homem eminente inspirava ainda entam a toda a mocidade, que cria ler na fronte de seu mestre as ideas, que lhe feriram mais no coração que no espirito, apesar de todos os prestigios da gloria que o cercavam — de gloria a que hoje parece apenas sobreviver, — eu desesperei dessa sciencia, em que a principios cuidei achar alguma solidez. Debalde o Pe. M. Quirino chamava-me um — jovem estudioso. — Eu estava de pedra! Nem sua animação, nem a emulação escholar bastavam para excitar-me. Eu tinha-me ha algum tempo desilludido de todas as cousas humanas, e, para não perder-me de todo, procurava a fé, a crença, a convicção em tudo, sem achar segurança em nada. A phylosophia atirou-me n'um abysmo mais profundo, ou de desesperei totalmente della.

Toda a minha leitura cifrava-se em algumas satyras de Horacio, na «Semana Sancta», de Alexandre Herculano, na «D. Branca», de Garrett, e algum soneto de Bocage. Sinto que tudo isso me fez mal.

As satyras de Horacio parecem-se com esse velho rabugento que elle descreve em sua epistola didactica aos Pizões. Não se contenta com cousa nem uma. Estabelece seu meio termo, e acha todos os homens nos extremos. Insinua brandamente no espirito a convicção de que o mundo não vai bem. Depois aconselha, descrevendo, pintando, incarnando sempre esses raciocinios que todos claramente percebem pela forma natural e graciosa de sua poesia aconselha o seu gozo de Epicuro, a cuja grei elle honrosamente confessa pertencer. Alem do prazer material, alem da musa deliciosa de Augusto, alem de um somno espreguiçado em seu campo suburbano, alem de um banho na sacra fonte de um ribeiro, alem de um passeio na estrada real, o pobre do lyrico romano não via mais nada. Quanto á gloria, bastava que Augusto, ou Mecenas o contemplassem no numero dos poetas. Com isto elle batia com a cabeça no ceu.

A «Semana Sancta», de Alexandre Herculano é muito differente. Parece-se a um tempo com os «Threnos», de Jeremias e com o «Ibis», de Ovidio. Lamenta com raiva, e amaldiçôa com furia. Procura, para elevar-se, sempre um sentimento horrivel. Dispõe a alma para alguma cousa que não

é o ceu. A «Harpa-do-crente» não é a palavra do christão. Para mim, o pensamento de Deus não está encravado no livro de De-Maistre. O orgulho não está lá em cima: nunca esteve. Eu não posso crer nas tempestades de cholera no seio do Altissimo. Lucifer é um brinquedo de Milton. A linguagem divina não precisa de hyperbole humana, para ser sublime. O mundo moderno não carece da antiga tropologia oriental. Deixemos as figuras e as formas asiaticas para a poesia romantica. Quando fallarmos de Deus, façamos como Newton: abaixemos a cabeça! Ah! não abramos um abysmo de ficções para sepultar Jehovah! O Eterno não é um jogo de imaginação!

A «D. Branca», de Garrett é um livro menos altivo que a «Semana Sancta», e mais satyrico que Horacio. É um seminario de ideas de todos os generos: religiosas, politicas, philosophicas, poeticas, phantasticas, magicas, fanaticas. O autor, si não tem uma fé vigorosa, pelo menos não tem o enthusiasmo da raiva, que abunda em Alexandre Herculano. Por isso mesmo o pensamento garrettico neste livro, ao menos, não inspira: faz apenas duvidar, sinão descrer. O autor, ao cabo de qualquer de suas descripções, ri-se. D. Branca é uma verdadeira comedia.

Bocage é um genio muito diverso. Não sabe nunca o que diz: o sentimento o desgarra. É um navio que para sempre em escolhos, e que está a arrebentar-se de continuo sobre elles. Seu norte é uma luz que anda sempre a correr, suspensa nos ares por mão ignota, sem rota, sem alvo, vagando á toa. O mais que seus sonetos podem fazer, é adormentar os ouvidos, e espalhar uma pouca de musica lá dentro da alma. Ha quem diga que isto não é tampouco.

Tudo isto era incerto e vago: tudo isto me fez mal. A philosophia, em que eu tinha descançado tanto a principio, não chegava entretanto a ser tudo isto. Era uma poesia vaidosa, não já de descripções, mas de raciocinios. Era uma nova linguagem egualmente luxuriosa para dizer a mesma cousa. Nada de verdadeiro: tudo de bello: mais arte que sciencia, mais cupola que alicerce.

Neste comenos appareceu-me o Tolentino, mixtura de Heraclito com Demócrito, chorando e rindo de uma vez. Chorei e ri-me com elle e julguei achar nisso alguma base mais segura. Escrevi entam muitas satyras, imitando-o, quanto podia. Derramei, creio eu, todo o fel que me estava no peito. Eu não poupei nem a meus proprios amigos. Aqui resultou-me um bem não pequeno. Os que me eram verdadeiramente dedicados, riram-se muito, a proporção que eu lhes ia ler em face desses azedos vituperios, que não tinham, — a fallar a verdade, — muito que escandalizal-os. Julgaram que eu os escrevia por maneira de ensaio, ou, quando muito, de desenfado, — e continuaram a amar-se. Os outros retiraram-se.

Quando depois de um longo desvio, tornei a mim, comecei a reflectir seriamente sobre o que tinha feito. Desconfiei de que principiava a enlouquecer, ou julguei-me proximo a esse medonho estado. Provi-me então de uma bôa quantidade de camphora, e acostumei-me a comel-a. Tinha diariamente na bocca, e ás vezes dormia, conservando-a. Meus amigos riram-se á larga de meu medicamento, a que elles galantemente chamavam — a minha sancta panacéa —. Eu tinha já perdido o habito da satyra, para lhes responder convenientemente.

A camphora tornou-se-me um vicio. O primeiro dos meus prazeres era fumar um bom charuto, depois de ter enchido a bocca de camphora. Esta resina transparente costuma, como se sabe, deixar um suave frescor no orgam do palladar. Eu sentia então um gozo romantico no tomar da fumaça, que parecia luctar, de quente que é, com essa substancia ainda desconhecida na maior parte de seus effeitos. Eu gastava horas em desvanecer-me poeticamente nesse sainete agradavel, que sempre nos produz o gosto contrastado de fresco e ardente, de uma vez.

A febre amarella devastava entam, com o primeiro impulso de sua chegada, a cidade altiva da montanha, segundo a nova phrase dos escriptores romanticos. Eu fui atacado de um ligeiro paroxysmo de febre, e melhorei rapidamente sem o socorro da medicina. Attribui esta felicidade aos effeitos da camphora. A camphora, a camphora — era para mim a palavra universal da sciencia medica.

Meus amigos tinham razão de rir-se de mim. Eu hoje tremo ao pensar no momento que descrevo: porque, se não estive em verdade louco, não posso acreditar que em tudo isso não houvesse loucura.

Ha na vida do homem alguns momentos, que só a demencia explica».

II

Eu tinha entam dezesette annos completos. Entretanto, meu porte demonstrava já uma edade avançada.

Meu semblante é bastante irregular. Meu rosto é comprido e descarnado. Minhas faces sam profundamente cavas. Meu nariz é eminentemente aquilino. Meus olhos sam fundos algum tanto, com uma expressão de inercia e estupidez, sem brilho, sem inspiração. Minha testa é elevada, porem mal feita. Todas as minhas feições sam cubertas de uma pallidez grosseira. Todos os meus lances sam morosos. Todos os meus modos sam rusticos e negligentes. Minha voz diverge naturalmente a cada instante, conforme os sentimentos, mas é quasi sempre tremula, e todo o meu discurso é balbuciado e turbulento. Os periodos asiaticos, o estylo pomposo, as formas extensas dos classicos não acham em mim halito sufficiente.

Sou, por tanto, um homem feio, e pouco fallador. Era-o já naquella edade. Hoje não tenho senão alguma severidade mais sobre todos esses rasgos. Pode-se colher desta pintura que não era eu feito para pensar em amores. Com tudo pensei.

Não posso fallar bem sobre isso, porque naquelle tempo eu era talvez poeta. E foi uma visão...

Este segredo está sepultado com uma coroa de boninas que esmigalhamos ao pé de uma arvore.

Seguiu-se á noute uma tempestade, — e de manham rompeu o sol muito ardente.

Eu, já longe daquelle sitio sinistro, pensei commigo que a tempestade tinha vindo para incravar estas flores na terra e o sol para queimal-as logo depois.

E quando aquella arvore, unica testemunha desse facto, tivesse de puro penado, acolhido as pobres boninas das azas da tempestade, extendendo-lhes suas folhas, — no mesmo dia os bafos da terra e as sombras de sua mesma copa teriam apodrecido as delicadas flores.

Ah! ingano sempiterno da vida! O amor não enche o coração, nem completa o espirito. Ainda depois da fruição ha alguma cousa que se deseja!

Agora, si meus labios ainda podessem tocar nos seus, era já isto um crime, um crime que não existia naquelle tempo. Mas eu o desejara ainda, — custasse-me **mil** perjurios! O coração é o instrumento das contradicções.

Não o posso, porém. Ella não está na campa: mas o logar onde está reclinada, é mais solenne que o tumulo.

III

Era bôa occasião para morrer. Eu lembrei-me disso, sem tremer, sem me arripiar. Que tinha? O padre não me acompanharia, nem a egreja me abriria o chão. Quanto a isso, importava-me bem pouco. A terra do campo me bastava. Por ventura o chão da egreja é mais leve?

A oração do sacerdote ser-me-ia tambem negada. A oração do sacerdote não me fazia inveja. Tem algum poder no throno de Deus uma oração comprada? O padre é um homem assalariado, que diz por dinheiro a palavra divina. Esta palavra, que não se vende, infama-se em sua bocca. Elle não sabe, não entende, não comprehende o que pronuncia sobre um cadaver, — lembra-se sómente, durante todo o seu exercicio, da paga que ha de receber por seus gritos puramente automaticos.

Em recompensa disso, eu teria uma oração fervorosa de minha mãe, que sonharia commigo no meio da noute, e accordaria minha innocente irman para rezar com ella. Talvez, á mesma deshora, mais outra mulher se alevantasse do thalamo, erguendo-se devagar para não despertar alguem, e rezasse tambem por mim. Seria ainda crime a sua oração? Seria seu fervor um sacrilegio? Seria seu pranto um adulterio? — Fosse-o muito embora: o Senhor lhe perdoaria a ella, como perdoou áquell'outra na praça da Judéa, deante do povo, deante dos velhos, deante dos sacerdotes

Isso me bastava, e teria, cuidava eu — mais valor deante de Deus. Porventura o Senhor condemnaria a Catão, — condemnaria a uma vida cheia de virtudes, immolada pela hora?

Ah! o Senhor não é esse Ente tremendo e inexoravel, que os padres nos pintam!

A misericordia é seu melhor attributo!

Eis — aqui o que eu pensava entam. Antes, porem, que me resolvesse, lembrei-me que a cella de um monge era tambem um tumulo. Foi uma

exquisita associação de duas ideas bem contrarias. Passei extravagantemente de um extremo a outro.

Um mosteiro pareceu-me um êrmo verdadeiro. Alli eu podia retrahir-me tanto que ninguem soubesse da minha existencia. Eu accreditava que uma cella occultava melhor do que o interior da campa.

Toda a vez que eu via um frade pela rua, olhava para elle com bastante escarneo. Todos lhe olhavam com a mesma expressão. Quanto eu tinha occasião de chegar-se para algum, ou de fallar-lhe, era obrigado a respeital-o pelo semblante de que elles sabem revestir-se nestas occasiões. Comprehendi, por estes preliminares, que o frade era uma cousa desprezivel e ao mesmo tempo orgulhosa. Julguei que isto me assentava bem a mim que desejava morrer de má morte, como dizem os portugueses.

Eu tinha lido a Biblia em minha puericia. Lembrei-me della nesse momento. Procurei o livro de Job.

Job, como se sabe, é um drama oriental. Ha hi muito pensamento terrivel, e ás vezes verdadeiro, quando não muito exagerado. É uma leitura bôa para quem quer assoberbar-se na dor. Eu alimentei-me, pois, durante alguns mezes, em suas palavras. O meu temerario designio foi sustentado por este livro. Eu o lia de proposito para não esmorecer.

Havia no convento de S. Bento um frade já velho, conhecido de toda a minha familia: era o abbade de então.

Elle tinha-me ensinado os primeiros rudimentos de latim, e, já ha tres ou quatro annos antes dessa epocha, tinha vindo do Rio de Janeiro, com mensagem de um homem que se dizia meu parente e interessado em minha educação para persuadir-me a ser monge. Eu, naquelle tempo, tinha-lhe recusado todas as proposições. Dirigi-me a esse homem para tratar de minha entrada monastica.

IV

O abbade de S. Bento chamava-se Frei Arsenio da Natividade Moura. É um homem alto e magro, de sessenta a setenta annos, segundo parece. Sua physionomia não é agradavel. Suas faces são serenamente cadavericas. As formas osseas sam bastante pontudas e salientes. Seu nariz é grande e aquilino. Sua testa é vasta, com as paredes lateraes cavadas. Seus olhos sam profundos e pequenos, com uma expressão de viveza, e de malignidade talvez. Uma cor terrena, baça, e macilenta sobre todas essas feições, á maneira de um veu do ceu. Seu cabello é raro, e, apesar da edade, ainda grizalho. Seus modos sam pesados, tornando-se completamente ridiculos, quando pretendem affectar civilidade. Sua voz é rachada e fanhosa, mas fluente, e inalteravel. Seu tom é sempre o mesmo, quer esteja possuido de alegria, quer de cholera, quer de tristeza. Seria difficil distinguir tam sómente pelas inflexões, seu pranto ou seu riso. Seus discursos de apparato procuram sempre o sentimento terno. Parece que forceja por imitar a doçura de S. Bernardo. Em seus sermões, acaba sempre por derramar lagrimas. O chôro casa-se com sua voz, e assentalhe- bem. Seus pensamentos sam bellos quasi sempre, porem nunca sublimes. Seu estylo é copioso e corrente, ás vezes sem pureza por desleixado, mas nunca affectado. Sua conversação particular não é mais que um riso de satyra continuado. Ainda indignado, termina sempre seu assomo por uma tirada marcialica.

Este homem, depois de ouvir minha proposta, mostrou alguma reluctancia em admittir-me no claustro, admirando-se de minha imprevista vocação. Não podia ter por verdadeiros meus novos sentimentos, recordandos-e de minha recusa inabalavel ha poucos annos sobre o mesmo objecto. Objectei-lhe minha pouca edade naquelle tempo, e assegurei-lhe de que pensava agora com mais seriedade acerca das cousas humanas. Eu julgava entam dizer uma verdade.

O frade, pronunciando algumas sentenças scarronicas a respeito do juizo humano, deu-me a «Sancta-Regra» e não sei que livrinho de devoção, para que eu formasse por essas normas o meu gosto religioso. Olhei para sua bella e escolhida livraria, e pedi-lhe que me emprestasse o «Parnaso-Lusitano». O frade agarrou-me, como se visse um abysmo aberto a meus pés. Fez-me algumas exprobações saodonicas acerca de meu temerario, imprudente e desazado pedido, mas, por fim concedeu-m'o.

Como é facil de crer, eu não deixei de ler a «Sancta Regra». É um livro mysticamente economico, que nós piamente cremos que foi pelo Espirito-Santo inspirado a S. Bento, o Principe dos

Patriarchas e o Pae do Monachismo no Occidente, — como costumamos dizer.

Eu já sabia da existencia deste livro por uma velha beata, que havia em casa. Tinha-o visto gostosamente, ao primeiro ronco da trovoada, saltar, como por encanto, da fita da saia da bôa devota. A mim, nestes ensejos, me tocava quasi sempre a leitura piedosa das sanctissimas palavras contra os raios e as tempestades, que se acham no fim do mesmo livrinho. No meio da sagrada lição que eu proferira com quanta devoção podia, interrompia-me, como por castigo, um retintim de trovoada mais forte, e o clarão do relampago que nos deslumbrava a todos. Nestas circumstancias, todos de casa rebentavam em gritos medonhos, que me ensurdeciam mais que o estrepito do raio. Rompiam por clamar, quasi prostrando-se, pelo Sancto Deus, Sancto Forte, Sancto de Israel. Era uma scena de consternação que me fazia muito mal. Si eu não estivesse alli, entre as pobres mulheres, correria á janella para ver o raio, e, quando muito apertaria os olhos a seu rapido luzir. Sempre gostei do homem grego de ânimo atrevido, descripto pela mão do Poeta Lucrecio. Sempre estimei este investigador temerario da natureza, o qual não foge aterrado da vista dos phenomenos do espaço, mas como que resiste ás metas inflammadas, conforme sua bella enarguea. Em certos casos, porem, é sempre mais seguro cahir no chão, como a velha, de que espiar o algar do volcão, como o naturalista antigo. O procedimento da besta é sabio e inattacavel. Enchia-lhe o coração de tanta satisfação, que, apenas minorada a trovoada, mettendo de novo a «Sancta Regra» na cinctura, lá ia atiçar o fogo e afferventar a panella.

Feliz quem tem somente os pensamentos da devota! Descança a vida nas mãos do vigario, e adormece apalpando seu rosario!

•

(Cf. com o original, da mão do Poeta, manuscripto hoje nos archivos da Academia Brasileira).

THEATRO E MUSICA

CRONICA DA QUINZENA

— Casinha bonita apanhou a Sociedade de Concertos Sinfonicos na sua audição de 30 de novembro, a ultima deste ano. Tratava-se de encerramento solene e funçanata de homenagem ao dr. Washington Luis: quem sabe se êle não poderá tambem estabilizar e converter os nossos valores musicais, de tão fiduciaria circulação? A Sociedade de Concertos Sinfonicos merece o estimulo de S. Ex. pela pertinacia desinteressada com que há tanto tempo vem trabalhando para criar um bom conjunto orquestral. De vez em quando ela nos prega uma estopada, com a sinfonia do português Viana da Mota. Não importa — há sempre alguma coisa pra compensação. No ultimo concerto foi a apresentação de Maria Antonia no 2.º concerto, p. 22, de Sain-Saëns. A nossa pianista esteve esplendida pelo brilho, o impeto e a persuasão com que replicou á orquestra. Esta por sua vez estava muito bem combinada ao piano pela regencia magistral do maestro Braga, de sorte que a execução do Concerto de Saint-Saëns foi um regalo de excepção. Maria Antonia recebeu uma grande ovação, tendo de voltar cinco vezes ao tablado.

Em dois trechos de *Saldunes* e no soneto *O' Virgens*, de Antonio Nobre, musicado pelo maestro Braga, a Sra. Julieta Telles de Menezes agradou muito pela emoção e esmero do fraseado, a audição acabou com a *ouverture* 1812 de Tchaikovski: Saiu menos bem do que por ocasião de 1.ª audição, há dois ou tres anos atrás.

— O calor do verão, como foi com os cupins e as baratas, pôs em movimento uma porção de novos conjuntos teatrais, todos mais ou menos livres ou bataclanicos. A revista de Sketches tomou conta do teatro do Rio: Scenarios engenhosos, costumes luxuosos, três ou quatro bailados, uma duziá de raparigas bem feitas e arranja-se espectaculo para o nosso publico. O espirito é o mais raro em tudo isso. Vamos a ver se o encontraremos no *Tangará*, o bataclan regionalista de Luiz Peixoto, a estrear-se proximamente no Gloria.

A ultima revista do Casino do Passeio foi um espectaculo fraco. Salve-se apenas pelo luxo e pela simpatia pessoal dos seus artistas, entre os quais se salientam — como sempre — Aracy, Elza Gomes, Manoelito Teixeira e o corpo de bailarinas de Nemanof. — M. D.

A Revista do Brasil

começará brevemente a publicação de um romance inédito de

SERGIO MILLIET

LITERATURA

Luiz Carlos Junior — «*Mosaico*» — Paris, 1926.

O doutor Prosper Mérimée, ahi por volta de mil oitocentos e trinta e tres escreveu um livro chamado «Mosaïque». Escreveu e não assignou. A edição original designa modestamente o escriptor como sendo «l'auteur du Théâtre de Clara Gazul». O Sr. Luiz Carlos Junior, em mil novecentos e seis tambem escreve um livro chamado Mosaico. Escreve e assigna. É verdade que podia ser peor. O livro podia chamar-se, por exemplo, «Pranto de Arlequim».

O Sr. Luiz Carlos Junior pensa e diz varias coisas. E parece acreditar no que diz. Principalmente porque são coisas de que ninguem duvida. Tambem ninguem duvida de que a bahia de Guanabara seja a bella do mundo. Mas é cacete ouvirmos os turistas repetirem isso a cada navio que chega.

O Sr. Luiz Carlos Junior explica que «a illusão é uma especie de armadura doirada». Não faltou nem o *i* de doirada. Constata que «o amor é como essas flores que depois de mortas ainda perfumam o ambiente» e que «as mulheres são estrellas que cáem». O livro está cheio de reflexões egualmente inéditas.

A gente no fim pergunta porque será que o Sr. Luiz Carlos Junior publicou Mosaico no anno da graça de 1926. Valéry diz que escreve «parfaiblesse». Discordo. Acho que se pode escrever por necessidade. A fraqueza está em publicar. Principalmente em publicar inutilidades, mesmo bonitinhas. O Sr. Luiz Carlos Junior, que é moço e intelligente, pense no conselho paternal que lhe damos. Valéry e eu.

AFFONSO ARINOS (SOBRINHO).

UM POETA BURRO-CIVICO

Cassiano Ricardo, algumas vezes, realiza obras primas de espressionismo burral. Sua burrice escorre gostosa dos seus versos como o leite gordo das têtas de uma vaca sadia.

A burrice poetica de Cassiano é bem differente da de Guilherme de Almeida — dos ultimos livros. — A burrice de Guilherme é bem educada e muito inteligente. Burrice por isso artificial, não obstante, não ser essa principal caracteristica do poeta de «Meu», que continúa a sêr um parnaziano quebrado (1) e lirico grande.

Burrice de mestre escola. Girandoleira. Uma poesia Completa.

Burrice de mestre escola. Grandoleira, uma burrice morena, gostosa, bondosa e gorda. Burrice de que ele poderia tirar um partido formidavel se fosse complemento para a sua personalidade poetica e não essencia dela.

Eu concordo com poesia de Cassiano. Admiro e louvo tambem. Não acho é que seja exemplo nenhum de poesia brasileira mas material apenas, grande subsidio pra formação poetica nossa. Papel de Cassiano assemelha-se-se — guardada proporções — do trovarinhar do bemquisto e popular Catullo.

Cassiano como terá e Catullo tem papel forte na formação de alguns poetas nossos.

Eu já encontrei pontos de contacto entre Catullo e o proprio Mario de Andrade.

Parece absurdo.

Dizer alguem por isso que Catullo é grande poeta, ou que poesia de Cassiano é modelo, é tolice — e das maiores.

---

(1) Quebrado quer dizer partido; e não falido.

Cassiano consegue uma força pinturesca formidavel em alguns quadros. Ha nos «Borrões de Verde e Amarello» uma «*paisagem simples*» que começa assim:

«O Coronel Simphronio Pires
(pae daquella morena de olhos grandes côr de [arco-iris)
Ganhou a eleição
E recebeu por isso uma grandiosa manifestação».

Essa paisagem é de uma supimpa e modelar vulgaridade. Vulgaridade que devia ser mais vulgar na sua poesia, ainda. Vulgaridade invulgar.

A poesia brasileira de agora tem que sêr, antes de tudo uma reação contra espirito literario. Uma reação contra intelectualismo.

Cassiano reagiu bem e bastante. Reagiu talvez mais por inclinação do que por intenção.

Merece por isso mesmo um lugar na nossa poesia, não por valor real propriamente, maior do que Ronald e Guilherme, pelo subsidio que traz para ela.

Cassiano, é um, quer queiram quer não queiram, elemento de real valor.

Representa uma tendencia — ou melhor — uma escola: burrismo civico. Escola elementar; mas indispensavel.

A burrice civica mestre-escolar de Cassiano começou com seus «Borrões» e agora, reafirmou brilhantemente aliás com o «Vamos caçar papagaios» que, começando pelo titulo que explica bem a poesia dele, é um achado.

Defeitos grandes Cassiano tem:

1.º Espirito de construção. O espirito de construção ou por outra a preocupação construtora resulta sempre em prejuizo da propria construção. Talqualmente preocupação de sinceridade (Prudente de Moraes, neto e Sergio Buarque de Hollanda puxando o cordão) prejudica a propria sinceridade.

2.º Visualismo puro, sem gestão subjectiva que faz da poesia cenografia.

3.º Preocupação ármonica de que resulta grande desarmonia ritimica.

Ainda tem mais erros que a gente precisa aceitar e explicar. Eu mesmo acabo de errar mostrando esses tres.

A gente agora aqui precisa aceitar e esplicar tudo. Até «A barata» do poeta Attilio Miano, que tem um terceto assim:

«E fico assim, na noite.
Penso instante,
oiço, porém, desperto de alcatéa
invio arruido?! Vou-lhe empós do rastro...»

Pois eu encontro esplicação pra Milano. E estimo ele até. Invio arruido empós do rastro do sêbo classico, sigo.

Cassiano veio do parnazianismo duro pra libertação. Está realizando e se está realizando. Prá quê querer mais?!

DURANTE O VERÃO
a CERVEJA ANTARCTICA
Refresca e fortifica
Exijam a marca ANTARCTICA
COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA

E' além de tudo sadio. Sadio e burro duas cousas essencialissimas e raras.

E' logico que eu não chego a dizer o erro que amigos dele dizem que poesia dele é muito brasileira. Não é não.

Mamangava, cocares de indios, jequitibás, taturanas, cruzeiros do sul e outras cousas assim, não chegam pra fazer uma poesia brasileira. Até atrapalham ás vezes. Digo que ele vae bem e acabará melhor, e ???!! está trabalhando e sendo trabalhado. Poesia brasileira não são motivos brasileiros. Carlos Gomes com motivos nossos fez melodismo italiano.

O Visconde Francisco Renato Chateaubriand, terá acaso nas suas paisagens americanas feito americanismo?

Nuncaras.

Mas Cassiano tem o espirito brabo da terra falta sentimento ainda introspectividade.

O proprio Cassiano vae implicar com o titulo deste artigo! Um poeta burro civico».

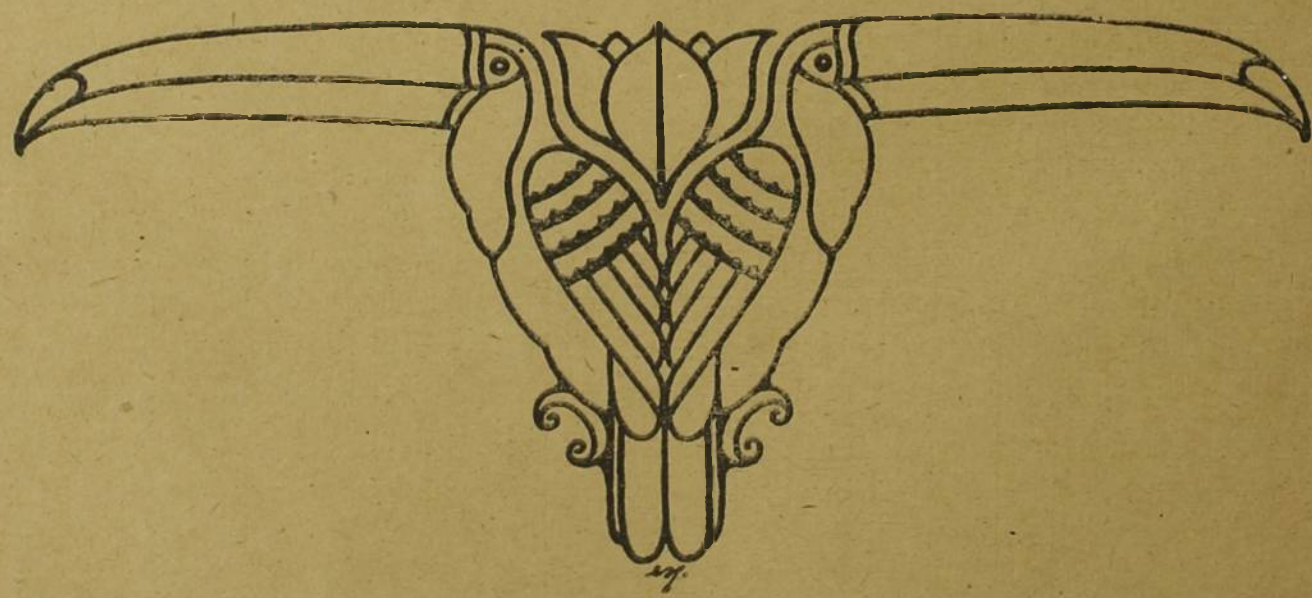
E assim mesmo.

O que mais me repugnava antigamente no cristianismo e que por fim mais me entusiasmou e iluminou é aquele pedaço do Sermão da Montanha. «Bemaventurados os pobres de espirito e etc...»

Cassiano Ricardo é tambem um pobre de espirito.

Vae nisso um grande elogio.

Augusto F. Schmidt.



VIDA SOCIAL

«CARIOQUISMOS»

No Rio, por melhor que realizemos as cousas, sempre falta em tudo o requinte final do acabamento que, custando uma insignificancia em relação ao preço total da obra, dá-lhe realce, melhorando-lhe immensamente o aspecto.

Tivemos d'isto um exemplo frisante na ultima exposição.

Si o brasileiro em geral não leva a cabo com esmero os seus emprehendimentos, muito menos procura melhorar ou mesmo conservar o que está feito!!

O nosso homem publico é por demais vaidoso para applicar a sua actividade e o dinheiro disponivel em obras que não lhe possam dar nome. Como todo povo ainda joven temos muita vaidade, vaidade esta que se tornou proverbial na phrase «o melhor ou o mais bello do mundo», applicada a tudo quanto possuimos de um tal qual valor.

Será necessario citar exemplos?

Nós já tivemos um calçamento optimo. Entretanto, logo depois que o Rio foi proclamado pelo carioca «a cidade mais bem calçada do mundo», começou pouco a pouco a surgir pelas ruas, um infindavel rosario de buracos. Hojé o esburacamento já affecta a propria esthetica da cidade e ha muito que vem damnificando os automoveis, sendo a origem, nos dias de chuva, das desagradaveis duchas de lama que os transeuntes recebem nas ruas mais estreitas.

Este descuido não é de hoje, em que a falta de recursos da Prefeitura pode ser invocada como justificativa; ha muito que o calçamento anda sem concerto porque, já tendo sido chamado «o melhor de todos», não podia dar nome a mais ninguem.

Um interessante artigo em «O Globo» assignado pelo Dr. Floresta de Miranda propunha, com muito espirito, que se alcunhasse o Rio de Trouville ou bem de Ruidopols. De facto não ha automovel que ande a noite sem ser de escapamento aberto!

O carioca proclamando o Rio a mais deliciosa das cidades para os passeios de automovel, talvez não considere que, si um auto n'uma bella noite de verão é um regalo para os seus passageiros, o escapamento livre pode ser um inferno para as cem mil pessoas que acordarem com o seu ruido...

E já houve uma época em que se punia o carro perturbador do socego publico!!

Até o bonde nas horas quietas e de pouco trafego corre mais veloz, augmentando assim o seu barulho de ferragem velha, com ose já não bastassem as assistencias, que, munidas de ensurdecedoras campainhas, procuram em cinco minutos de trajecto, ganhar a meia hora que talvez perderam para sahir da garage...

Assustado com o barulho do Rio, um escriptor belga, nada bem visto entre nós por ter ousado fazer ligeiras criticas do Brasil, disse que o carioca dormiria mesmo tendo um ferreiro no quarto.

Quem presenciar um grupo de rapazes n'uma esquina acordar um quarteirão inteiro discutindo foot-ball ou bem uma volta do «baile da Sociedade» em que, n'um caradura, meia duzia de pandegos se esguelam sob pretexto de cantar ao violão, ficará convencido de que temos uma má concepção da liberdade.

Quem almejar o delicioso «savoir vivre» tra-dicional da Inglaterra, deverá, na vida em sociedade, limitar a liberdade individual de cada um para não constrangir muito as liberdades collectivas, como fazem, com bom senso, os inglezes.

Outro serviço de que muito se gabam os cariocas e que tambem classificam como «o melhor do mundo», é o nosso serviço contra incendios.

Os bombeiros teem dedicação, muita disciplina e estão bem munidos de material, mas falta esta insignificanciazinha, este detalhe que é a agua...

Será possviel ter-se «o melhor serviço de bombeiros do mundo» si raramente ha agua para esses bombeiros mostrareem a sua efficiencia?

Mas ai de quem vexar o patriotismo carioca commentando a respeito do corpo de bombeiros!

Si ainda fôr preciso mais exemplos, citaremos tambem a Limpeza Publica, pois este serviço já teve sua época, merecendo igualmente do carioca a honrosa classificação de «o melhor do mundo». Embora, de alguns meses para cá, a cidade esteja de novo um tanto bem cuidada, apesar dos mingoados recursos da Prefeitura, não devemos nos esquecer que ha alguns annos atrás os

automoveis pelas ruas asphaltadas, levantavam pó como si corressem na estrada Rio-Petropolis.

O povo carioca deve ser mais modesto no julgamento das cousas do país, lembrando-se que, proclamal-as como «as melhores do mundo», ao em vez de mostrar patriotismo, é se abandonar a uma pasmaceira incompativel com o verdadeiro patriota. Ser patriota não é gabar systematicamente o seu país; ninguem mostra assim amor a terra ou bem desejo de melhoral-a.

Refreemos o nosso enthusiasmo, que por ser tão facil é tambem tão pouco duradouro!!

Sejamos mais modestos, substituindo as vezes este «o melhor do mundo» por um outro termo classico, porém menos pretencioso, «o melhor da America do Sul»; assim, mesmo si melindrarmos os nossos amigos argentinos, não ficará em todo o caso a verdade tão injuriada. O «best of the world» dos americanos, embora exprimindo tantas vezes a verdade, desperta assim mesmo espontaneas antipathias. Terá forçosamente de suscitar controversia qualquer classificação que dependa d'um ponto de vista individual, assim o carioca afirmando ser a bahia de Guanabara a mais bella do mundo, embora o seja mesmo, considera o seu proprio modo de ver como o juizo mais acertado e d'ahi a animosidade que poderá suscitar.

«O Rio é a mais bella cidade do mundo», grita um carioca, jogando papeis na rua ou cuspindo no bonde, quando seria bem mais louvavel que elle dissesse: «Devemos tornar o Rio a mais bella cidade do mundo». Para cooepar n'este bello emprehendimento, que elle começasse então por nunca mais jogar papeis na rua ou bem cuspir no bonde...

Incontestavelmente o Rio pode ser uma maravilha, pois tudo o que a natureza dá de bello e que não se consegue crear, nós aqui temos! Supramos pois a defficiencia das realizações do nosso homem pela pujança d'esta natureza, na maior profusão de jardins e arvoredos.

Usando da força dos fracos, sejamos astuciosos!

Que nunca mais passe pela cabeça da Prefeitura construir nos terrenos accrescidos com o desmonte do Castello.

Busquemos o encanto da nossa cidade na maior profusão de viçosas folhagens tropicaes, que verde todo o anno, chamarão para cá os estrangeiros com «spleeen» da aridez dos seus invernos.

Só devemos querer vegetação que dêm aos jardins o aspecto caracteristico e tão acolhedor dos nossos climas.

Não procuremos jardins de plantas exoticas, onde só tenhamos estorricadas flores a custo de grandes tratos, mas folhagens bem da terra que, com a gama das verdes vegetações tropicaes, compensem a falta de colorido das flores da Europa. Quem conhece a belleza da arborização de Bello Horizonte, como não desejaria as arvores majestosas da avenida João Pinheiro ou Affonso Penna para a nossa insolada capital!

Os jardins no Rio são insignificantes. As ruas ajardinadas não acompanharam o surto do centro da cidade e no dia em que o pequeno «Broadway» do fim da avenida desembocar n'um parque o Rio lucrará immediatamente.

Ninguem deve pensar que ha falta de terreno no centro da cidade; elle está sómente muito mal aproveitado. Casa de seis andares ao lado de casas de um s ópavimendto são a prova d'isto.

Para os nossos bairros de moradia, como o da Lagôa, esperamos da nova administração da cidade modifiações ncas posturas municipaes, exigindo que as casas sejam bastante recuadas da rua e não possam têr jardins, mesquinhos. Só assim surgirá, em torno da Lagôa Rodrigo de Freitas, mais um encanto para o Rio, como as novas cidades jardins já o são para S. Paulo.

Tenhamos para as modificações e ampliações da cidade um plano de conjuncto.

Ainda ha pouco, n'um bonito discurso no Rotary Club, pedia isto mesmo o Dr. Mattos Pimenta que, com o seu bom gosto já tão conhecido, não podia deixar de se entristecer com o desordenado crescimento da nossa capital .

Reagindo contra a imprevidencia caracteristica dos povos que vivem n'um clima benigno e sem estações pronunciadas como o nosso, pensemos um pouco no Rio de amanhã! Só assim deixaremos um dia de só procurar corrigir erros, atamancando tudo.

M. L. J.

Encontra-se á venda, em 2.ª Edição, nas livrarias do Rio de Janeiro e de São Paulo o livro que sobre a

Presidencia Bernardes

Intitulado

TERRA DESHUMANA

(A vocação Revolucionaria do Presidente Arthur Bernardes)

escreveu ha tres mezes, em Campos de Jordão, durante uma villegiatura que ali fez, o sr.

Assis Chateaubriand

O director do O JORNAL, naquellas montanhas suaves da terra paulista, meditou e escreveu sobre a personalidade complexa do actual presidente da Republica um ensaio sereno, sem qualquer eiva de paixão partidaria, como se estivesse recuado meio seculo do scenario dramatico dos dias actuaes da nacionalidade. Elle propoz-se fazer um estudo de pura substancia psychologica, com absoluta imparcialidade, procurando collocar-se fóra do ambiente esteril das facções pára analysar as qualidades, os defeitos, as acções de alcance collectivo e os erros do homem que encheu o quadriennio de 1922-1926, da sua rispida e indomavel individualidade.

Tomando a acção publica do actual presidente, desde que elle se estreou como jornalista no hebdomadario da zona da Matta, denominado «A Cidade da Viçosa», até a sua derradeira grande campanha, que vem de encerrar victoriosamente: a da revisão constitucional, — o sr. Assis Chateaubriand projecta visadas sobre os aspectos mais interessantes do homem de governo que, por tantos titulos, será objecto, no futuro, de debates os mais vivos dos historiadores da quadra atormentada que acaba de atravessar o Brasil.

O Caraça, o famoso collegio, onde se educou o sr. Arthur Bernardes, com a tradição de severa e inflexivel disciplina, é objecto de um quadro que, por certo, ajudará por muito a explicar a formação mental do presidente com a ductil e rija vontade, que distingue todos os seus actos.

"Se quizerdes ser rico, ou permanecer rico, lêde Henry Ford".

ARTHUR BRISBANE.

Minha vida e minha obra

por HENRY FORD, de collaboração com SAMUEL CROWTHER

Nova traducção de MONTEIRO LOBATO

Saido em 1922 acha-se este grande livro transladado para o allemão, francez, finlandez, italiano, hollandez, polaco, russo, sueco, dinamarquez, tchecoslovaquo, hungaro, hespanhol e arabe, sommando as varias edições mais de dois milhões de exemplares, Henry Ford produziu uma das mais significativas obras desta geração. — (THE CENTURY).

A sensação deste livro é menos de um livro escripto do que de um homem que se sentá deante de nós e conversa com facilidade, em tom impessoal, acerca da sua vida, das idéas que o nortearam, dos principios em que baseou o seu trabalho e da convicção que o anima sobre os effeitos da efficiencia na felicidade humana. — (NEW YORK TIMES).

Henry Ford revelou-se neste livro a mais alta individualidade america da sua geração. — (THE ATLANTIQUE MONTH).

Considero um dever meu para com o publico attrair a attenção de todo o mundo para este grande livro. — (EDWARD A. FILENE, em THE NATION).

E' o grande livro de um grande homem. — (ROBERTO BLATCHFORD).

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: 4$000

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 33 — S. PAULO

"terra roxa e outras terras"

quinzenario de arte e literatura

DIRECTORES:

A. C. Couto de Barros e António de Alcântara Machado

A melhor publicação modernista do Brasil

"terra roxa" tem publicado collaborações de Antonio de Alcantara Machado, Blaise Cendrars, Carlos Alberto de Araujo, Carlos Drummond, Couto de Barros, Guilherme de Almeida, João Alphonsus, Luis da Camara Cascudo, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Martins de Almeida, Oswald de Andrade, Paulo Prado, Prudente de Moraes, neto, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Rubens de Moraes, Sergio Buarque de Hollanda e Sergio Milliet.

PREÇOS:

Numero avulso . . . $500

Assignatura annual . . 12$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Avenida São João — 96

São Paulo

Annunciae no

"Diario de Noticias"

de Porto Alegre — Rio G. do Sul

O grande matutino que conquistou pela sua feição moderna e justeza de opiniões a preferencia do publico riograndense, alcançando grande circulação em todo o Estado.

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

RUA RODRIGO SILVA 14-2.º

Teleph. Central 2478

46330

Um bello presente para os Leitores do

"JORNAL"

Daremos gratuitamente 1 estojo completo, da afamada navalha de segurança AUTOSTROP (toda ella em metal dourado) com lamina, assentador e machina para afiar as navalhas:

1º.) Aos leitores do O JORNAL, que tomarem uma assignatura de 12 mezes do O JORNAL.

2º.) Aos assignantes, que renovarem suas assignaturas de 1 anno. Estas renovações podem ser feitas mesmo quando a actual assignatura vigorar até o fim de 1926.

3º.) Aos actuaes assignantes do O JORNAL, que conseguirem um assignante novo para O JORNAL, como tambem a esse novo assignante.

Para obter uma dessas navalhas preencha o coupon ao pé deste annuncio, e mande-o, junto com o preço da assignatura, ao gerente do O JORNAL.

O JORNAL enviará as navalhas aos seus assignantes, sob registro pelo correio, livre de onus para elles. Os assignantes do Rio de Janeiro podem obtel-as no balcão do O JORNAL.

Illmo. sr. gerente do O JORNAL, Rua Rodrigo Silva, 12 — Rio

Junto a este remetto-lhe a importancia de Rs. 50$000, para a assignatura de 1 anno do O JORNAL.

NOME .....

.....

ENDEREÇO .....

.....

CIDADE E ESTADO .....

.....

O JORNAL distribue diáriamente premios aos seus leitores

Cruzwaldina

Acreditado Desinfectante fabricado pela

Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro

Com vinte annos de ininterrupto successo

Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908

O mais popular de todos os desinfectantes

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO.